LAMPIÃO da esquina

Ano 3/Nº 36 — Rio de Janeiro, maio de 1981 — Cr$ 60,00 • Leitura para maiores de 18 anos

E A NOSSA PEGAÇÃO, COMO É QUE FICA?

A PRAÇA É DAS BICHAS

Mas querem lotear a velha TIRADENTES

TODOS NUS!

---e mais 5 bofes!

Ney Mattogrosso & Zé Rodrix & O Incrivel Hulk

PARAPLÉGICOS TAMBÉM AMAM

SAIBA COMO É A TRANSA DELES... E EXPERIMENTE

Cartas na Mesa

Parabéns pra você!

Prezados irmãos do Lampa: leio o nosso jornal desde o número 1, e por isso, agora que ele está completando três aninhos, me sinto no direito e na obrigação de fazer uma análise do que percebi, nestes 35 números, em suas páginas. Acho que o jornal teve três fases distintas: a primeira que eu chamaria de "heróica", foi até o número em que saiu a entrevista com Fernando Gabeira: não só por causa desta, mas também porque marcou o fim do processo contra o jornal, o que coincidiu com o início da temporada de abertura (ela houve, sim: a pior cega, aquela, que não quer ver, seguramente não sou eu).

A segunda fase do Lampa foi como um fulminante ataque de varizes: foi a época do "ativismo", o jornal ficou tão chato que eu quase desisti de ler; lembro desta fase, particularmente, de um artigo assinado por João Carneiro, a propósito de vários assassinatos de homossexuais no Recife, no qual ele praticamente conclamava o bicharéu e as lésbicas (entre as quais modestamente me incluo) à luta armada. Que horror, que coisa mais antiga: Isso pra não falar nos textos produzidos por aqueles mal humorados grupúsculos que proliferaram pelos Brasis a fora (sempre achei que aquilo era uma mentira de vocês...) e que, graças a Deus, parece que agora foram desativados. A doença infantil do fascimo grupal acometeu o Lampião que, felizmente, curou-se rápido.

Ao sair desta fase, e antes de entrar na terceira — que eu chamo de "definitivamente jornalística e inovadora" —, o Lampa viveu momentos de perplexidade que seus leitores mais sensíveis detectaram. Lembram daquele número fraquíssimo, em que saíram três entrevistas, uma das quais com a divina dama Cassandra Rios? Que bosta! Mas aí o Lampa deu a volta por cima — como uma Cinderela ensandecida, montou na abóbora e saiu cavalgando por aí, em plena madrugada. Bruxas, é o que vocês são, malditas bichas! A partir daquele número sobre prostituição masculina, o jornal não parou de melhorar. Melhorou mais ainda porque deixou definitivamente pra trás o ativismo grupuscular (coisa que, eu sei — pensam que me enganaram algum dia? — nunca existiu), e foi cuidar de sua lida: entre os milhares de leitores do jornal e uma minoria candidata a postos eletivos numa Câmara de Vereadores qualquer, preferiu a própria vida, que somos nós, as bichas e lésbicas que o curtem numa boa pelos Brasis a fora.

E agora? Quando a gente parece acomodado, estaria o Lampa disposto a entrar numa nova fase? O que é que vocês andam tramando, em, seus viadinhos? Tamos todos loucos pra saber.

Ah, e uma observação minha, agora como mulher, e não como uma pitomba feroz nascida e criada em Olinda, Pernambuco: há quem acuse o jornal de só se dirigir ao público masculino, de não dar vez às mulheres. Pura lordose da ala mais fascista do feminismo; mesmo quando fala de homens, Lampião está tratando de assuntos que nos interessam de uma maneira geral; e melhor ainda, a perspectiva do jornal é sempre tão anti-machista que, às vezes, a posição dos homens do Lampa é mais feminista que a de qualquer feminista que eu conheço, incluindo algumas autoproclamadas, que andaram escrevendo nas páginas do jornal, e que confundem a questão da mulher com tratados de ginecologia (meu clitóris, queridinhas, é meu, e eu faço com ele o que quiser — parem de me dizer o quanto ele é valioso e essencial pro movimento de vocês, suas... sapatonas!)

Esperando que vocês publiquem minha carta, pra que eu possa ler com minha namorada antes de uma das nossas muitas — e boas — trepadas, aqui me despeço, amorosamente gata,

Jane Osório — Recife.

R. — **Aí, Jane, que emoção! De todos os presentes de aniversário que nós recebemos (só pra você ter uma idéia, aqui vão alguns exemplos: um consolo de chocolate suíço que Rafaela Mambaba lambeu até sobrarem apenas dois testículos; um álbum de figuras eróticas hindus gravadas a fogo; e meia dúzia de mudas de pé de guaraná, pra produzir muito pozinho de pirlimpimpim), a sua carta foi sem dúvida o mais gostoso; aqui, depois de lê-la, ficamos todos (as) molhadinhos (as). E fomos procurar, em vão, em nosso vasto arquivo — uma média de 33 cartas por dia, que tal? —, outra missiva sua: por que você, pernambucana da peste, nunca nos escreveu? Faça isso com mais freqüência. E beijinhos no clitóris.**

As Osvaldas!

O negócio é o seguinte: como todas as classes unem-se e organizam-se, nós temos mais é que fazer o mesmo. Acontece que não é através de grupos gueis ou bobagens desse gênero. Nós temos que nos respeitar mutuamente, e isso se conseguiria através de um grito de alerta por parte de vocês, que têm o poder de comunicação nas mãos. Estou certo ou não? Vejamos:

1 — No cinema Madureira Zero existe uma cansada, Vovó Osvalda, que não deixa as mais novas pegarem de jeito nenhum; dá porrada nas portas, exibe carteira falsa de policial, diz que é gerente do cinema, etc.. E quando as netinhas saem, ela começa a gravar os garotos tranqüilamente; só que no outro dia eu chamei o verdadeiro gerente e a desmascarei na hora. Acontece que até os funcionários do cinema têm medo da Osvaldina. Pau nela, lampiônicos.

2 — No Iris só dá bicha que faz Elza e vocês nem se mexem pra ver se melhoram a situação; afinal, qual é a de vocês? Só faturar em cima da gente, ou vocês querem progredir o gay pople?

3 — No Scala elas vivem de atrapalhar umas às outras.

4 — As saunas estão entregues às baratas, sujas e metendo a mão no nosso bolso; claro que ninguém vai mais. Gasto até mais em teatros, mas nunca naquelas imundícies.

Ah, e vocês tão por fora quanto a lugares de pegação, hem? Nunca falaram na ilha do Fundão (a ilha da Fantasia), atrás do galpão do Metrô. Lá é ótimo e merece até reportagem, tem bichas de família tipo garotão, sabe? É ótimo. Tem também a Quinta da Boa Vista by night; é outra boa pedida; depois das 19 horas Tia Cleide desaparece e elas entram. E o Parque Laje? Dá até pra namorar.

Gigi Regina — Rio.

R. — **Lendo sua carta com atenção, querida Gigi, nos deu a impressão de que você é ainda jovem, mas, quando ficar velha, vai ser igualzinha à Osvaldina. Que história é essa de a gente querer faturar em cima de vocês, bicha? Que coisa mais cansativa! Quem foi que disse a você que jornal dá dinheiro? O Globo, queridinha, cheio de anúncios como é, tá demitindo gente; imagine o Lampião! Nós somos, isto sim, verdadeiras abnegadas. E só pelo desaforo da sua carta, resolvemos aumentar, este mês, o preço do jornal; agora é sessenta pilas: sua maldita! Quanto às suas informações mais objetivas, vamos investigar. Só não podemos lhe garantir uma matéria sobre a ilha do Fundão, pois lá é território da UNE, e a gente não se dá muito bem; nossas fronteiras têm que ser bem claramente delimitadas.**

Pulseteira (2)

Caros Lampiônicos, estou lhes escrevendo a respeito de uma carta do senhor Antônio Calmon dirigida ao Darcy Penteado, e que foi publicada no Lampião nº 35, juntamente com a resposta deste. Na carta do sr. Antônio Calmon, entre outras afirmações lia-se esta, absurda: "Se conhecesse melhor o próprio povo brasileiro, estou falando do povão que não freqüenta salões elegantes, saberiam que a transa homossexual é tão natural quanto a heterossexual. Quem reprime é o poder". Outra vez a velha estória de culpar o sistema por tudo de ruim que acontece.

Analisando as declarações do sr. Calmon, eu só gostaria que o mesmo me dissesse que país é este onde a transa homossexual é tão natural quanto a heterossexual. Sim, porque certamente não é no Brasil. Quem sabe, talvez seja no País das Maravilhas de Alice? Sabe de uma coisa, sr. Calmon? Eu sou uma pessoa comum que não pode (e nem gosta) de freqüentar salões de luxo em busca de alguém com quem transar. Tampouco ando "caçando" em banheiros públicos, ou transando em saunas, cinemas poeirinhas, ou em via pública. Faz um ano ou mais que não transo com ninguém. Por isto eu gostaria que o sr. me indicasse onde eu posso encontrar alguém com quem transar, que não seja "michê", travesti, bicha pintosa ou alguém que faz das relações homossexuais um meio de ganhar dinheiro fácil.

Quanto à "briga" dos srs. Calmon e Penteado, eles são burgueses, que se entendam. Quanto ao povão de que fala o sr. Calmon, ele só tem contato com o mesmo talvez quando paga a algum "pé-de-chinelo". Sobre a transa homossexual ser natural, talvez o seja para quem possui o vil metal em abundância, para os artistas, etc.. O proibido é permitido. Estes senhores podem a hora que quiserem arrebanhar garotos, serventes de obra que estejam passando fome e levá-los para seus apartamentos. Podem fazer distribuição generosa de barões, não é mesmo?

P.S. — "Pulseteira é a mãe!

Valmir Lima — Rio.

R) — **Ai, bicha, que coisa horrorosa! Você não trepa há mais de um ano, por quê? É tímida? É um dragão? Virou Mormon, igual àquele jogador do Flamengo, o Tita, que tem a bunda cheia de espinhas? Pense Bem: não é melhor você pagar 500 pratas a um michê, já que de graça não arranja nem pro café, do que ficar um ano virgem? "Pulseteira", sim, a gente tá sabendo! Você gosta mesmo é de uma boa punheta... E quer parar com essa história de que a gente é cheia da grana e paga pra transar, hem Motorizelda? Somos quase todas bonitas e gostosas, e as que não são, fingem sê-lo, e acabam fazendo o maior sucesso. Vá pelo mesmo caminho, meu bem: brilhe! Realce! Pensamento positivo, querida! Vamos fazer um acordo: você vem aqui na nossa redação, e a gente te dá umas dicas. Eu te prometo: no máximo você vai gastar 50 pilas, que é o preço de uma moringuinha, ali na Álvaro Alvim. Se não sair de lá acompanhada, a gente se deixa esbofetear por você, tá legal?**

LOURO, boa aparência, bom nível cultural e querendo amar muito... Tenho 27 anos, olhos verdes, 1,76m, 66Kg, cabelos claros e lisos e barba. Desejo corresponder-me com rapazes discretos, de qualquer cor e idade. Alberto — Caixa Postal 267, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.010.

DESEJO manter correspondência com meninas de todo o Brasil. Tenho 23 anos, olhos e cabelos castanhos. RM — Caixa Postal 1031, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

AOS ESPÍRITOS JOVENS. Desejo corresponder-me com jovens de qualquer idade, sem preconceitos, sinceros, que procurem compreensão, afeto, amizade e amor. Sou moreno claro, 1,62m, 53Kg, cabelos e olhos castanhos, signo de Virgem, solitário que ama: a vida, a juventude, a natureza e a sinceridade. Ney — Caixa Postal 339, Tubarão, SC, CEP: 88.700.

SOU LIVRE, jovem, simples, moreno, 1,81m, 65Kg. Quero corresponder-me com rapazes entendidos de todo o Brasil, sem grilos, sem preconceitos, honestos, discretos, de qualquer tipo físico ou cultural, que além de sexo estejam interessados numa saudável amizade, além de um fim de semana em São Paulo. Nando — Rua Armando Xavier, 25, São Paulo, SP, CEP: 05.331.

MORENA BONITA, inteligente, feminina, independente e muito doce, 1,54m, 25 anos e que detesta os preconceitos que pintam nessa seção, quer entrar em contato com mulheres sensíveis para, no mínimo, uma boa amizade. Maria — Caixa Postal 1854, Recife, PE, CEP: 50.000.

SOU EUROPEU, e há pouco tempo vivo no Brasil e me sinto muito só. Preciso de ajuda. Desejo receber cartas de todos os amigos e cavalheiros do Brasil e em especial de Belo Horizonte, pois estarei lá em junho, expondo trabalhos e fazendo tarefas. Me escreva, mineirinha boa. Sou solteiro, 30 anos, artista plástico, 1,77m e 70kg. Enviem todos os seus dados e uma foto na 1ª carta. Celestino Fenght — A/C Caixa Postal 188, Passo Fundo, RS, CEP: 99.100.

ATIVO X PASSIVO, moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 1,72m, 70Kg e 40 anos. Tenho casa própria e moro sozinho. **O que vier eu traço...** Respondo a todas as cartas. A.M.P. — Rua Projetada Artur Lopes, 138, Bagé, RS, CEP: 96.400.

DESEJO AMIGOS VERDADEIROS, sinceros, entendidos e bonitos. Fotos na 1ª carta. Honestamente responderei a todas. Tenho 1,63m, 55Kg, 26 anos, olhos e cabelos castanhos, gosto de viver, música, esportes, trabalho, estudar e amar. Lopes — Cx.Postal 451, Teresina, PI, CEP: 64.000.

ENTENDIDA PASSIVA, 28 anos, 49 kg, morena, simpática, bem feita de corpo, curte praia, campo e música. Se você é ativa, tem até 35 anos, me escreva que terei prazer em responder sua carta. Irma — Rua D. Pedro II, 433, aptº 102-A, Bairro Campinas, Florianópolis, SC, CEP: 88.000.

UNIVERSITÁRIO, 21 anos, 1,72m, 68kg, moreno, deseja corresponder-se com entendidos de todo o Brasil, sem preconceitos de cor, sexo, idade, religião, etc... Respondo a todas as cartas. Ronaldo A. Brito — Rua João Vaz, 14, Formiga, MG, CEP: 37.290.

MEIA-IDADE, bom nível cultural, social e financeiro, alto, físico bem proporcionado, simpático, discreto, morando sozinho, procura jovens até 28 anos, bonitos e discretos, para um bom relacionamento. Sea Khan — Caixa Postal, 30, Recife, PE, CEP: 50.000.

UNIVERSITÁRIO, 32 anos, simpático, versátil e amável, procura contato com pessoas maduras e emocionalmente estáveis. Aldous — Caixa Postal 20, Juazeiro do Norte, CE, CEP: 63.180.

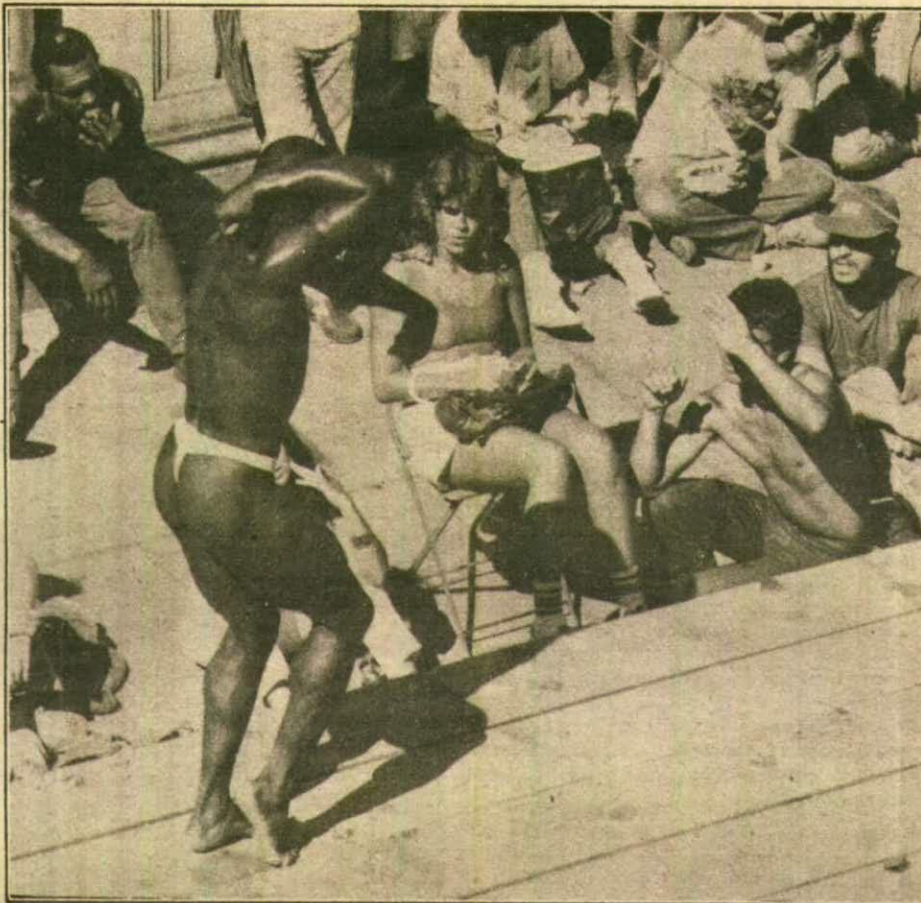
ENTENDIDO PASSIVO, deseja corresponder-se com rapazes ativos para uma boa transa. Paulo — Caixa Postal 77153, Nova Iguaçu, RJ, CEP: 26.000.

TRANSEXUAL, 25 anos, 1,78m, 73 kg, moreno claro, discreto, sensual, romântico, compreensivo e muito a fim de amar, gostaria de corresponder-me com jovens de todas as idades e partes do Brasil, para amizades, informações ou quem sabe... Katiélle — Posta Restante, Agência Central, Tupã, São Paulo, CEP: 17.600.

ENTENDIDO PASSIVO, 21 anos, louro, olhos esverdeados, cabelos castanhos claros, 1,80m, 72kg, universitário, sincero, discreto, honesto, gosto de todas as coisas da vida. Desejo corresponder-me com entendidos ativos, que sejam honestos e sinceros, com até 25 anos. Wilson Antônio Meira — Rua Embaré, 500, Jardim do Estádio, Santo André, SP, CEP: 09.000.

Para ter seu anúncio publicado na seção TROCA-TROCA, basta escrever para: Jornal LAMPIÃO — Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.400, enviando, além do texto do anúncio, xerox da carteira de identidade e 70 cruzeiros em selos. Só serão publicadas as cartas que cumprirem tais requisitos. Os anúncios são publicados por ordem de chegada.

Esquina

O Lampião, embora convidado, não mandou representante ao congresso da IGA — International Gay Association, realizado em abril na Itália. Assim, o Sr. João Antônio Mascarenhas, ao se apresentar aos congressistas como "editor e representante do jornal Lampião", de acordo com suas declarações ao correspondente da revista "Isto É" na Itália, o fez indevidamente. O Sr. João Antônio Mascarenhas pertenceu ao conselho editorial deste jornal, mas dele se afastou, de livre e espontânea vontade, por discordar da linha editorial que os outros conselheiros, contra o seu único voto, escolheram para o Lampião. Desde então, ele tem dedicado a maior parte de sua vida a se autoproclamar uma espécie de eminência parda do jornal, sem que ninguém lhe tenha dado poderes ou procuração para isso. O episódio do IGA é tanto mais lamentável, quando se sabe que lá ele se apresentou também — sempre segundo o correspondente de "Isto É" — como representante de alguns grupos homossexuais organizados, os quais, por uma estranha coincidência que torna ainda mais obscura essa história toda, também discordam veementemente da linha editorial do Lampião. O que nos parece é que foi dito, em nome deste jornal, o que estes grupos pensam, e não o que nós pensamos. E talvez, o nome mais apropriado para coisas como esta seja, pura e simplesmente, "má fé".

Loucuras no Parque Lage

Reich, ecologia, dança, teatro, mímica (Daniel Berbedés), musicoterapia, Psicanálise, pornografia, minorias, orientalismo, biodança (Gaiarsa), maconha, Ulisses Tavares, cegos, Adauri (tesão), naturalismo, expressão corporal, yoga, psicodrama (Ivan Campôs), lampiônicos, loucuras no parque e muita trepada. Tentar descrever o que foi o simpósio "A Política do Corpo", organizado pela Revista Rádice (o nº 15 já nas bancas) e a Livraria Espaço Psi, e que aconteceu em plena Semana Santa (cruzes!) no enlouquecedor Parque Lage, é praticamente impossível.

Um verdadeiro **happening**.

Cerca de 500 pessoas se cruzaram e se conheceram numa boa. O papo era o corpo e sua liberação. Algumas utopias e muita realidade. Darcy Penteado e Francisco Bittencourt (na foto ao lado), participaram de um louquíssimo debate sobre travestismo. Ismael Ivo, o bailarino das fotos, apresentou um trabalho incrivelmente maravilhoso, onde expressou toda sua negritude. Na entrada um enorme quadro de recados, "El Gran Dazibao", era ilustrado pelo seguinte poema anônimo: "Ontem discutimos/ se a Revolução/ seria operária/ ou camponesa./ Hoje discutimos/ se a melhor gozada/ era pelo periquito/ ou pelo cu./ Como é necessário,/ definições assumo:/ Sou pela Revolução dos oprimidos;/ Pelo coitus ininterruptos;/ Pela foda permanente/ e pelo orgasmo coletivo." (**Antônio Carlos Moreira**).

Um Show P'ra Gente

Beleza, harmonia, garra e muito amor, marcaram a curtíssima temporada de Leci Brandão e Thereza Tinoco, no Seis e Meia da Sala FUNARTE, Rio. Leci desponta com seu lado romântico e propostas novas, crescendo cada vez mais como compositora. Thereza mostra-nos sua suavidade, seus sentimentos e emoções (coisa linda sua música "Artistas"), que raramente temos oportunidade de assistir. Um show sem preconceitos e com muita luz. A magnífica direção e o belíssimo roteiro são de Otoniel Serra, que acompanha há tempo o trabalho de Leci.

No roteiro escolhido a dedo, além de músicas de Leci e Thereza, não faltaram um Chico Buarque e Francis Hime (**Trocando em miúdos**) cantado em dupla, um Zé Maurício e Antônio Cláudio (**Margot**), uma Maysa (**Resposta**) ou uma Angela Rô Rô e Ana Terra (**Amor, meu grande amor**). De seu repertório Leci apresenta: Essa Tal Criatura, Natureza, Ombro Amigo (que Thereza canta para Leci) e **Uma Carta Para a Paz** (Música com que participou no Festival de Tóquio, Japão). Thereza nos mostra **Impossível, Coisas Veladas, O Viajante** e **Artistas** (uma belíssima letra, falando da vida de artistas e de sua necessidade de gente...). Mas o grande momento fica por conta de Sueli Costa e Abel, em **Jura Secreta**, quando Leci e Thereza cantam juntas, como se estivessem sofrendo as marcas de um grande amor não realizado.

O show segue em temporada para São Paulo e Brasília. Em São Paulo, Leci e Thereza se apresentarão de 13 às 17 de maio, na Sala FUNARTE Guiomar Novaes. Logo em seguida, partem pra Brasília, onde poderão ser vistas na Sala FUNARTE de lá. Não Percam!

E com seu novo trabalho, Leci aproveitou para lançar seu mais recente compacto (Polygram,) com as músicas "Vinte e Duas Horas" e "Dança Doce". A festa de lançamento aconteceu no último dia 9, no quentíssimo Forró Forrado, ali no Catete. Teve de tudo: Samba, forró rasgado, ciranda e um show de Leci. Mil convidados dançaram, beberam, flertaram e se amaram até o nascer do dia (**ACM**)

Leci e Thereza, sem estrelismos.

MPB 81 ou Arri égua Barnabé

Nem tudo que reluz é ouro, já dizia um velho ditado. Assim, a aldeia global perdeu seu nobre tempo assistindo à primeira eliminatória do MPB 81 da Rede Globo. Ares hollywoodianos invadiram o Teatro Fênix, na Lagoa, que teve sua pobre fachada ornamentada com mil neons. Um toldo estendia-se porta afora, pelos dois metros de largura da modesta calçada da Av. Lineu de Paula Machado. Um extenso tapete vermelho cuidava para dar um toque nobre. Glória Maria, a indigesta repórter da emissora, recepcionava as personalidades menos cotadas do evento. Lembrei-me por alguns instantes da abertura do Oscar; era idêntico. O saguão do Fênix parecia mais uma daquelas feiras de amostras, cheias de **stands** de promoções.

Com muito custo a turma da imprensa conseguiu entrar no minúsculo teatro. Ufa! Os fotógrafos se rasgaram todos, pois foram jogados na enésima fila, e mal podiam enxergar os enormes cílios de Miel Enquanto isso, o opaco júri se confraternizava e dava os últimos retoques no visual (Hei, mãe! Tô na televisão). Diná Silveira de Queirós, a escritora, ajeitava suamonstruosa peruca. Com muito custo, após ter burlado heroicamente a tirânica segurança do local, o poeta Ulisses Tavares conseguia um lugar em nossa tribuninha de imprensa. E olha que ele tinha música concorrendo.

Depois de muito babado, finalmente a primeira concorrente (deu rima). Faffy desponta com seu lindo modelo a la Al Capone. Um terno vinho e um chapéu de fazer inveja a qualquer gangster nova-iorquino. Canta **Sabotagem**, um humoradíssimo charleston hablando das dificuldades da sofrida classe média brasileira. Quem conheceu Fátima Figueiredo nos idos de 70, e que agora é relançada como Fafy, sabe muito bem do seu talento. Mas, pasmem, não foi classificada. Bem que eu desconfiei que aquele negócio de jurado entregar mapa de votação em branco não passava de uma boa sacanagem. Eu vi tudo, com estes olhos que a terra há de comer.

Enquanto alguns jurados bocejavam ou tomavam uma morna água mineral, os concorrentes iam desfilando. Mielle arrasava na apresentação. Marquinhos Humel (que homem!) tropeçava no texto mais do que bêbado. Paula Saldanha não parava de coquetear-se com seu cabelo. Cristiane Torloni arrancava suspiros de algumas admiradoras no júri. É a vez do **Encantador de Serpentes** Jorge Mautner, que tentava loucamente fazer sua cobra subir, e olha que subiu, à custa de muito fio de nylon e de um gostosíssimo rapaz, dependurado nas ferragens das luzes do teatro. Esta também não foi classificada, e dizem as más linguas que o encantador e suas odaliscas nem deviam ter-se apresentado.

Ulisses Tavares, na tribuninha de imprensa, não parava de reclamar da repressão global: **"Porra, é sacanagem proibir torcida aqui dentro. Êta saudade da minha São Paulo."** Reclamava com toda razão, pois parecia que estávamos assistindo a um concerto no Municipal. Faltava gente se esfregando pela platéia, gritando, jogando tomate no contra-regra, empunhando cartazes, falando palavrão. Ainda me lembro da ferina observação de um jurado careca: **"Existem velórios mais animados do que isto."**

Walter Franco pirou, ou piramos nós? **Serra do Luar** simplesmente não passa de countrizinho industrializado, e nem deu pra quebrar violões. A cabeça explode, né meu irmão? Mas a grande coqueluche foi Almir Guinetto, um negão muito louco, que num respeitável porre entoou sua **Mordomia** (esta sim classificada). Este sambinha de Ary do Cavaco e Gracinha trouxe alguma vida ao inerte espetáculo. Com um gingado de subida de morro, Almir mostrou no gogó seu talento, dando um verdadeiro show. Sem dúvida, a melhor concorrente.

É hora de show. E entra Gal, convidada especialíssima. Delírio. As luzes do Fênix atravessam seu lindíssimo vestido azul prateado, tornando-o transparente. Gal estava completamente nua. Uma jornalista, na tribuninha, esperneava e soltava longos gritos. Estava molhadinha! Entra Dori Caymmi, com seu porte irredutível. Saúda seu Axé Opô Afonjá. Uma bicha da platéia suspira: **"Já não se faz mais homem como antigamente..."**

Chega a hora das cartas marcadas. O terminal do computador, instalado no palco (olha o ekê!), vomita uma listagem. Por pouco Miele não quebrou a engenhoca. O júri já estava evacuado. Hasta nunca! Os dados são dados. Ares de pasmo. Os canhões de luz começam a girar, iluminando todo o teatro. A Hollywood tupiniquim dava por encerrada seu espetáculo.

(**Antônio Carlos Moreira**)

RECADO

Em 24.04.81, sexta-feira à noite nos conhecemos. Falamos sobre: se 32-27=5 então alfabetização, nome falso, financiamento, seguro. Por favor apareça, tenho saudades. Espero você no local onde nos conhecemos, durante maio, entre 18-19 horas.

"Prova de Fogo": a religião do erotismo

Todo mundo quer saber como é, quem é Nívio Ramos Sales, o autor de "Prova de Fogo", livro cujo sucesso de vendas está superando todas as expectativas da Editora Esquina. Acreditamos satisfazer a curiosidade geral com este retrato rápido e sem retoque do primeiro escritor lançado pelo Lampião e a Esquina.

Nívio diz que sua experiência como estreante tem sido bastante valiosa e positiva. "Estou lidando com pessoas de um outro mundo, ao qual não estava habituado", diz, "e, na mesma proporção, conquistando novas amizades e rompendo barreiras para novos trabalhos A reação das pessoas à leitura de "Prova de Fogo" tem sido uma surpresa agradável. A maioria tem sido favorável, com algumas restrições daquelas que vivem no mundo religioso afro-brasileiro, embora não tenham ousado censurá-lo abertamente."

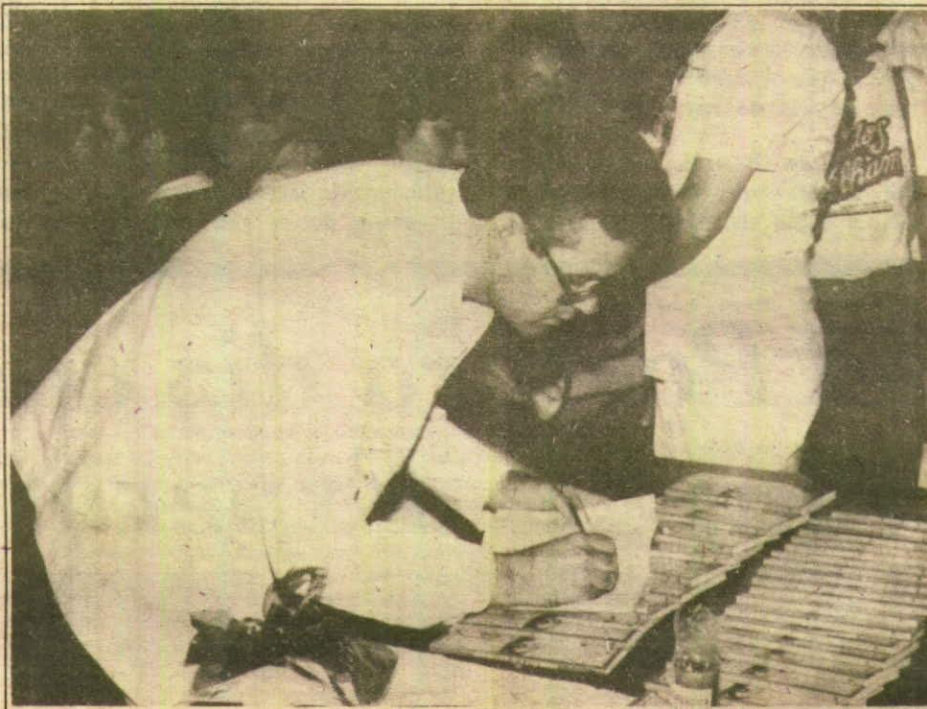
Queremos saber se o livro é autobiográfico e se essa narrativa não o deixa de flanco descoberto nos meios umbandísticos com o retrato pintado. Nívio responde afirmativamente e diz ter consciência desse seu "ficar nu" diante dos meios umbandistas, mas ao mesmo tempo espera que isso sirva de alguma coisa para a religião, ou seja, para colocar os rituais afro-brasileiros dentro da nossa realidade, mostrar que a umbanda não é algo caído do céu, fora do nosso contexto social, político e econômico. Com relação ao fatos narrados, eles servem apenas como um elo na cadeia maior e não têm, a opinião do escritor, o intuito de denunciar o indivíduo e nem tampouco criticá-lo.

Muita gente quer saber como faz o autor para viver duas profissões. E ele responde que tanto como pai-de-santo quanto como escritor ainda não conseguiu aquilo que chama uma realização. Pai-de-santo, como profissão, não existe; entre os escritores, pode-se contar nos dedos aqueles que vivem da profissão. E ele diz: "Mas se você me perguntar qual das duas funções me atrai mais eu lhe diria que ambas, porque não vejo antagonismo entre elas. Ao contrário, uma suplementa a outra. A partir da minha vivência como pai-de-santo recrio imagens e tramas. Quanto a ser escritor, sempre me considerei como tal, assim como sempre fui um místico, até me descobrir nos rituais afro-brasileiros. Tenho um livro de poesias, edição do autor; várias peças teatrais escritas a partir de 1968, quando comecei a freqüentar o teatro e a ler Nelson Rodrigues; inúmeros contos e histórias, além de um trabalho sobre minha feitura no santo, ainda inacabado, por ser uma pesquisa de campo, de caráter antropológico. Para terminar essa pesquisa, no sétimo ano de minha vida religiosa, terei de voltar ao Nordeste para fazer as obrigações consideradas essenciais para ser um babalorixá consagrado. Além disso, já fui colaborador da "Tribuna da Imprensa" durante um ano, com uma coluna semanal sobre religião e folclore. Continuo esperando que alguém me dê uma oportunidade, como o "**Lampião**" está fazendo, para continuar meu trabalho como escritor'

Os acontecimentos descritos em "Prova de Fogo" nada têm a ver com ficção. Isso poderá prejudicar de alguma forma o desenvolvimento futuro do autor dentro da religião? Nívio acha que não. É bem verdade, diz ele, que narra fatos acontecidos com pessoas que o procuram ou procuravam, mas tudo foi colocado no papel para mostrar que o indivíduo em si é o menos culpado dos males que ocorrem, mas que se trata de um problema social, da própria estrutura da sociedade brasileira. Na proporção em que seus irmãos de fé lerem o livro, Nívio está certo de que muitos ficarão agradecidos.

"Na minha cabeça não pintou a idéia de escrever uma autobiografia, explica Nívio, mesmo porque não vejo que importância minha vida possa ter. O que realmente me levou a escrever foi uma observação feita por uma amiga durante mina "feitura" de santo, quando ela me disse para anotar tudo, porque aquela era uma experiência única.

Assim, partindo de conhecimentos teóricos aprendidos na escola, além de um senso de observação aguçado e de outros fatores que o ajudaram bastante, Nívio foi anotando tudo o que se passava ao seu redor, como suas reações, para em seguida levar os fatos para o papel.

O inquieto repórter de "**Lampião**" quer saber do escritor até que ponto ele se despe para os leitores em "Prova de Fogo". Sua resposta é que no nível consciente não consegue despir-se totalmente. "E não vejo, também, razão para isso. Porque o que importa dentro do livro não é a minha nudez e sim a nudez de todos nós, a nudez de um nível da realidade da sociedade brasileira,

Nívio Ramos Sales autografando seu livro na Funarte

com suas múltiplas relações. Agora, no plano do inconsciente, não posso avaliar porque ainda estou muito envolvido com o conteúdo do meu livro."

Avançamos por um terreno cada vez mais denso, queremos saber se nas religiões afro-brasileiras é comum, como dizem, um entrelaçamento entre erotismo e religião, ou seja, a existência de uma certa tradição de pai-de-santo homossexual influindo no andamento de um terreiro. O que Nívio pensa disso:

"Eis uma questão muito delicada para ser abordada aqui, principalmente quando se trata de uma categoria discutível como a do "homossexual". Também é preciso definir em que grau a homossexualidade do pai-de-santo vai influir no desenvolvimento do terreiro. Espiritualmente? Não creio. Dentro dos rituais afro-brasileiros é considerada muito alta a percentagem de pais-de-santo homossexuais. Sem contar os não assumidos mas que praticam a homossexualidade ou a bissexualidade. Ninguém pode negar essa minha afirmação, a não ser os preconceituosos. Mas os problemas encontrados nos terreiros de pais-de-santo ditos homossexuais são iguais aos das mães-de-santo, ou dos pais-de-santo ditos machões. A sexualidade é um fato em todos os níveis. E ninguém pode esconder a sua sexualidade por muito tempo. Portanto não vejo sentido dizer que o fato de fulano ou beltrano ser homossexual vai alterar o seu comportamento dentro da religião. Só mesmo na cabecinha dos machões e das velhas beatas. Inclusive há uma certa preferência entre a população por terreiros onde o líder seja homossexual e de um modo geral — é claro que há exceções — os **melhores** pais-de-santo, os terreiros mais ricos e com axé são dos considerados homossexuais."

Queremos saber como se integrou dentro de Nívio Ramos Sales a figura do cientista social com a do pai-de-santo. Ele responde que tudo foi muito difícil, lento e gradual. Não foi fácil assumir o estigma de "pai-de-santo", de "macumbeiro", não foi fácil aceitar a marginalização quando se tem um diploma onde brilha um "Bacharel" em Ciências Sociais". "Foi uma loucura como eu custei a me entender. Mas descobri que poderia fazer ou ser as duas coisas. Curtir a minha religião sem seguir padrões determinados pela sociedade e ao mesmo tempo ser um cientista social." Depois de passar por esse processo doloroso, atingir a paz foi um passo, afirma Nívio. Mas nem por isso ele deixou de ter conflitos internos, aliás benéficos, porque trazem a dúvida, a interrogação, e por conseguinte a vontade de entender.

São raros os casos de pai-de-santo com diploma de curso superior. Para Nívio, no entanto, as "coisas tinha de ser assim". Ele se formou em Ciências Sociais porque era esse o caminho para mostrar sua religião. Mostrar uma nova faceta dos rituais afro-brasileiros. "Há um preconceito dentro dos meios umbandistas que diz que o estudo atrapalha o conhecimento mágico, a aceitação da vontade dos orixás, dos preceitos. Eu cheguei a acreditar nisso, mas depois descobri que é puro preconceito, e que o estudioso tem por obrigação racionalizar, mas não dentro dos padrões exigidos pela classe dominante e sim pelo mundo em que vive, que ele transforma com o seu saber, que vai além daquele saber das pessoas comuns. E descobri também que não é só o saber imposto pela elite que é o certo; o saber do "santo" é muito mais certo e verdadeiro. Assim, ser formado em Ciências Sociais me levou a questionar meu mundo vivido, mas não a umbanda, que esta foi uma opção do meu ser místico." (**Francisco Bittencourt**).

Wanted!

Deraldo Padilha

(vulgo boquinha de funil)

Ex-Delegado de Polícia. Ex-cidadão cassado, de passado obscuro. Recentemente anistiado, pode ser encontrado a partir deste mês de maio na 27ª DP, onde reassume as funções de delegado.

Aviso Importante: Çoce sempre o saco ao falar com ele.

Os paraplégicos também transam

Todos os filmes exibidos no cinema e na tevê atualmente, como parte da campanha do governo neste Ano Internacional do Deficiente Físico, me pareceram particularmente chocantes, porque, traduzidos o mais literalmente possível, querem dizer apenas o seguinte: "Vamos todos tentar ajudar de alguma forma, estes pobres diabos, tão irremediavelmente diferentes de nós." É por isso, que a anunciada entrevista com um deficiente físico, prometida pelo pessoal da sucursal do Lampião em São Paulo, me deixou de orelha em pé: "Nossa Senhora das Graças", me perguntei: "Mais lamúrias? Mais um pobre paraplégico, de mãos estendidas, a vender bugingangas na minha porta e a pedir, me ajude pelo amor de Deus?"

Que esse texto valha como uma autocrítica: a revelação do mundo de Daniel Pastura, e de outros deficientes entrevistados ao longo dessas quatro páginas, é possivelmente um dos momentos mais ousados deste nosso jornal que sempre foi capaz, em três anos de vida, de tantas ousadias.

Quando Pastura ironiza os psicoterapeutas que não conseguem entender como ele, um deficiente físico, tem "angústias existenciais"; quando o mesmo Pastura diz que o direito à sensualidade é, esta sim, a coisa mais urgente a ser reivindicada por eles; ou quando João Carlos Pecci fala das peripécias do seu pênis, que nem sempre é potente, mas "é manhoso" — "quando resolve, sobe, endurece e até ricocheteia, cabeça grande, procurando o alvo". (Pecci perdeu praticamente todos os movimentos num acidente automobilístico), fica difícil, para gente, deixar de conferir: o Lampião rompe mais uma vez os padrões convencionais do jornalismo, ao abordar uma questão dessas, tão urgente, de um ângulo inteiramente novo.

Os paraplégicos têm, senão, "o corpo que pediram a Deus", pelo menos, aquele que as circunstâncias lhes destinaram. E precisam antes de tudo, como nós — que nos julgamos sem defeitos, esquecidos de que também temos muitas partes do nosso corpo alienadas pela repressão e o preconceito —, reivindicar o direito de gozar estes corpos integralmente, de liberá-los. O que eles fazem, aqui, pela primeira vez. Saiba como é a transa deles. E se a chance pintar, não perca tempo: experimente. É uma boa. (Aguinaldo Silva)

Daniel Pastura diz como é e convida: — Experimente!

Zezé — **Num trecho do seu livro "Por que mataram Pasolini" você alude à sua condição de paraplégico, de minoria, ou seja, de uma pessoa diferenciada do restante. Como ocorreu essa alusão? Foi inevitável?**

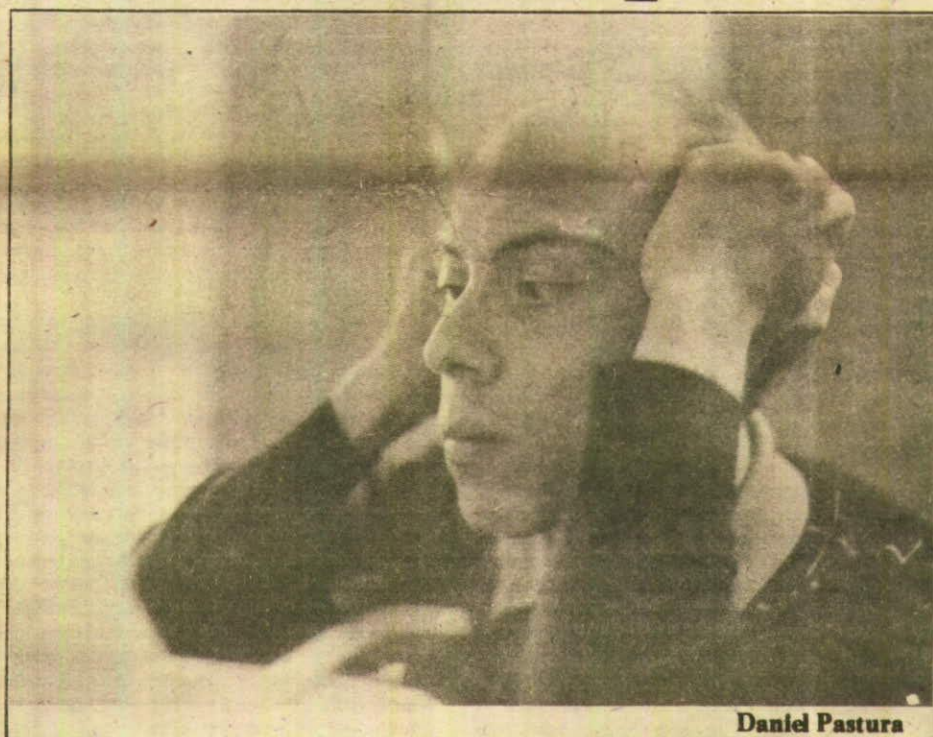
Daniel — Quando eu sento na máquina, não sei o que vai acontecer. Não preparo nada. Não foi um negócio premeditado, do tipo aqui tem que aparecer porque é inevitável. Aparece. É um negócio que escapa de mim. Além disso, aquele primeiro relato (que eu não chamo de conto) é subjetivo e realmente eu, eu, eu. Trata-se de um homem falando o tempo todo na primeira pessoa. Então, é uma coisa mais ou menos natural. Não botei isso apenas porque ficava bem.

Zezé — **Você escreve desde quando?**

Daniel — Comecei a escrever com 17 anos de idade, escrever a sério, porque eu comecei um romance nessa idade. Fiquei dois anos trabalhando num livro, uma porcaria que se chama **Angústia, Sexo e Uísque.** Mas está tudo lá, tá o começo das minhas diferenças, o começo da minha libertação. Eu tive paralisia cerebral em criança, então sempre fui paraplégico, com todas as "vantagens" e desvantagens de ser paraplégico. Eu tinha livros, dinheiro, tudo de mão beijada. O que é muito bom de um lado e muito ruim do outro. De repente, meu lado independente mandou tudo à merda: a prisão dentro de casa, a falta de liberdade ou a burguesia de papai e mamãe, tudo isso. Então, com 11 e 12 anos de idade eu pegava ônibus, pegava avião sozinho, de muleta, com aparelho dos pés à cabeça, e sumia. Ninguém sabia onde eu estava. Vivi dois lados: um muito preso e outro muito livre. Isso inclusive escandalizava a tradicional família paulista porque era um horror a vida que eu levava. Um menino de 16 anos, assíduo freqüentador do João Sebastião Bar, em bebedeiras mil, sempre andando com gente mais velha — porque eu não andava com gente de minha idade, só agora ando com gente mais nova. Então, pra eles era um devasso. Eu era um burgês de **smoking** que numa determinada época tirei o **smoking** e botei um colar de couro no pescoço e virei **hippie**; no último ano da faculdade eu andava com colar, tomava LSD, tudo isso. Então foi uma revirada. Nesse tempo, eu freqüentava meios burgueses, mas escandalizava sem querer.

Zezé — **E quando é que pintou a tua transa de homossexualidade; como foi, uma coisa inconsciente, ou que você detectou...**

Daniel — Não sei. Fiz 13 anos de psicoterapia. Fiz todos os tipos possíveis de psicoterapia, individual, freudiana, psicodrama, tudo. Essa terapia era em função justamente do homossexualismo, por minha livre e espontânea vontade.

Trevisan — **E não tinha nada a ver com sua situação de paraplégico?**

Daniel Pastura

Daniel — Aí tem um ponto importante. De repente, quando vi que era homossexual, fui fazer terapia, muito lucidamente ou muito burramente (porque o que eu gastei em terapia é de uma burrice astronômica!). Isso foi em 67, num período em que estava apaixonado por uma mulher maravilhosa que não queria nada comigo. Daí, comecei a pensar: as mulheres não querem nada comigo porque sou paraplégico e também porque sou homossexual. Já que tou nessa dúvida crucial, vamos ver qual é o lado mais forte, se o paraplégico ou o homossexual. E meti a cara. Depois de 13 anos de terapia, cheguei à conclusão que o meu homossexualismo é duplo, é um negócio de dupla carga. Se não tivesse sido paraplégico, não sei se hoje seria homossexual. Acho que não.

Emanoel — **Que relação você vê entre uma coisa e outra?**

Daniel — Acho que qualquer homem, em qualquer nível cultural, aceita melhor a diferença do que a mulher de qualquer nível cultural.

Trevisan — **Você se refere a que tipo de diferença?**

Daniel — À física, mental, todas.

Trevisan — **Isso significaria, a seu ver, que você se tornou homossexual por ser rejeitado pelas mulheres?**

Daniel — Em parte. A tendência, a vontade de transar a coisa já havia. Mas se não houvesse uma circunstância muito determinante, teria se diluído. Quando muito, eu seria bissexual, o que acho ótimo, acho muito saudável.

Emanoel — **Então você acha que essa rejeição só aconteceria da parte das mulheres ou mais com as mulheres. Ou que não acontece com relação aos homens...**

Daniel — Em relação aos homens acontece pouquíssimo, inclusive com uma falta de assiduidade tão grande que me assusta. Eu pensava assim, no começo, quando não tinha nenhuma vivência homossexual: vou ser rejeitado da mesma maneira, porque o homossexual gosta de beleza física, da perfeição, etc. Então a rejeição vai ser pior ou igual. E realmente não foi.

Emanoel — **Isso que você está falando é baseado em muitas experiências?**

Daniel — Em experiências prolongadas.

Trevisan — **Experiências múltiplas, ou com poucas pessoas?**

Daniel — Poucas pessoas, durante muitos anos. Tive dois grandes casos, vamos chamar assim. Um durou sete anos e o outro está durando (espero que não acabe) há quatro anos. Foram duas fases homossexuais ou bissexuais, porque nesse meio tempo transei com mulheres; não gosto, mas...

Zezé — **Que idade você tinha?**

Daniel — Minha vida sexual começou muito tarde, com 24 anos. Tanto a fase homo quanto a hetero começaram no mesmo ano, com dias de diferença. Eu era virgem total, o rei da masturbação. Antes, nunca tinha transado com ninguém.

Trevisan — **Como você encarava a possibilidade de efetivar sua sexualidade?**

Daniel — Eu achava um horror. E achava que as perspectivas eram horrorosas. Porque eu não fui treinado para ser homossexual, não é? Então precisei fazer todo um treino para me tornar homossexual.

Emanoel — **Você teve alguma situação que, de certo modo, definiu as coisas em sua cabeça? Uma paixão particular por alguém?**

Daniel — Houve uma coisa talvez muito determinante, mas eu prefiro realmente não mencionar, porque ia agredir muito meu pai e minha mãe. Acho que agride até a mim, ainda.

Trevisan — **Você deu a entender no começo que ser paraplégico para você praticamente não era um problema. O problema era ser homossexual. Depois, você reclamou quando descobriu que era homossexual, porque seria mais um problema...**

Daniel — Não é que seja difícil, ou penoso. Se eu tivesse ficado paraplégico, tenho a impressão que eu teria metido uma bala na cabeça ou me atirava pela janela, porque eu acho que não dá para uma pessoa agüentar uma mudança assim tão drástica. Se ela não for heróica, não agüenta. Como eu sempre fui paraplégico, a única coisa que sentia que incomodava, magoava, era descobrir que as pessoas me achavam diferente. As pessoas não sabiam lidar com a diferença e eu não podia obrigar. As pessoas só sabiam ter pena, e quando tinham pena eu tinha vontade de pular no pescoço delas e dizer, olha, não é isso que estou pedindo, porque não me sinto digno de pena, sempre fui assim. Estou acostumado comigo assim, gosto de mim assim. Não sei como é ser de outra maneira.

— É gozado como essa reação de pena eu fui encontrar depois nas sessões de psicodrama; não só de pena, também de medo. Mas as mulheres, como sempre, chegavam para mim e diziam: eu tenho medo de você. Eu perguntava: é pelo homossexualismo, ou pela paraplegia? Respondiam: é tudo, mas deve ser principalmente pela paraplegia, porque eu tenho medo de ficar assim, ou que um filho ou parente meu fique assim. Eu olhava e falava: tudo bem. Era um negócio tão primitivo, tão arcaico (no sentido de vivência remota), do bicho que rejeita porque não quer ficar doente... Então, boa noite, os homens

Aleijado e bicha, não me chamem, porque eu mato!

parece que realmente têm menos medo, não sei por que, não entendi até hoje.

— Das minhas duas grandes transas, uma foi com um intelectual soberbo, maravilhoso, que era alcoólatra em último grau e suicida trimestral — só que nunca conseguiu se matar, não sei se conseguiu agora. Ele era intelectualizado até a raiz dos cabelos e europeu. Quer dizer, curtia minha cabeça porque era parecida com a dele e ficou durante sete anos comigo num amor platônico, assim de olhar para minha cara e dizer "eu te amo"; eu olhava para cara dele e dizia "eu te amo". Daí ele casou e separou, e casou e separou de novo; mas a última mulher dele chegava para mim e dizia: Não sei porque vocês não ficam juntos, porque realmente ele gosta mais de você do que de mim; ele te beija na boca em plena rua, coisa que não faz comigo; ele te adora, te ama; não sei porque está casado comigo; ele devia ficar com você. Daí, cada vez que ele tomava uma bebedeira, me dizia: eu quero ir para cama com você. Então, quando já estava no final da transação, eu disse para ele: no começo, quando eu queria transar com você, você não queria. Ele era a pessoa forte da relação, porque tinha vivências, apesar de ser mais novo do que eu, que tinha uma vivência meio intelectualizada, de gabinete. Então, eu era um cachorrinho que ia lá quando ele chamava.

— De repente, a coisa virou. Ele foi ficando tão fraco, tão alcoólatra, tão perdido que me tornei a pessoa forte. Eu absorvi as vivências dele, absorvi toda aquela coisa boa e bonita. A ponto de ficarmos no mesmo nível. Ele já estava muito doente. Então, a última coisa que eu disse a ele foi: se você quer transar comigo mesmo, tem que ser a seco, sem uma gota de álcool para não chegar no dia seguinte e me dizer que aconteceu porque estava bêbado. Eu gosto muito de você, mas tem que ser a seco. Mas esse negócio de a seco nunca aconteceu, e rompi com ele. Ele mora em Curitiba, e chegou uma hora que ele estava pelo meio da casa com uma mulher e eu disse: vou embora, não agüento mais. Ele: se você gosta de mim, não vá embora. Eu: gosto muito de você, mas preciso gostar um pouco de mim também. E fui embora. Essa relação durou sete anos.

Trevisan — **No meio disso tudo, como é que se colocava o fato de você ser paraplégico? Você não detalha muito isso: gostaria que explicasse porque os homens tê transavam melhor que as mulheres...**

Daniel — Acho que existe muito menos o paraplégico para os homens do que para as mulheres. A questão era encarada com mais naturalidade, com mais leveza. Quando um homem vai me ajudar a atravessar uma rua (se é que eu preciso, porque quando eu preciso eu peço), não parece um negócio piedoso. A mulher, não: ai, coitadinho... O ponto quente da questão é: as mulheres me tornam assexuado, os homens não.

Zezé — **Mas veja bem: você realmente não quebrou a cara nesses guetos homossexuais? Porque se você for lá, vai ver que existe toda uma lei interna que manda as pessoas aparecerem o mais bonitas possível, o mais atraentes possível, e sensuais, para conseguir alguma transa. Como é que fica essa história?**

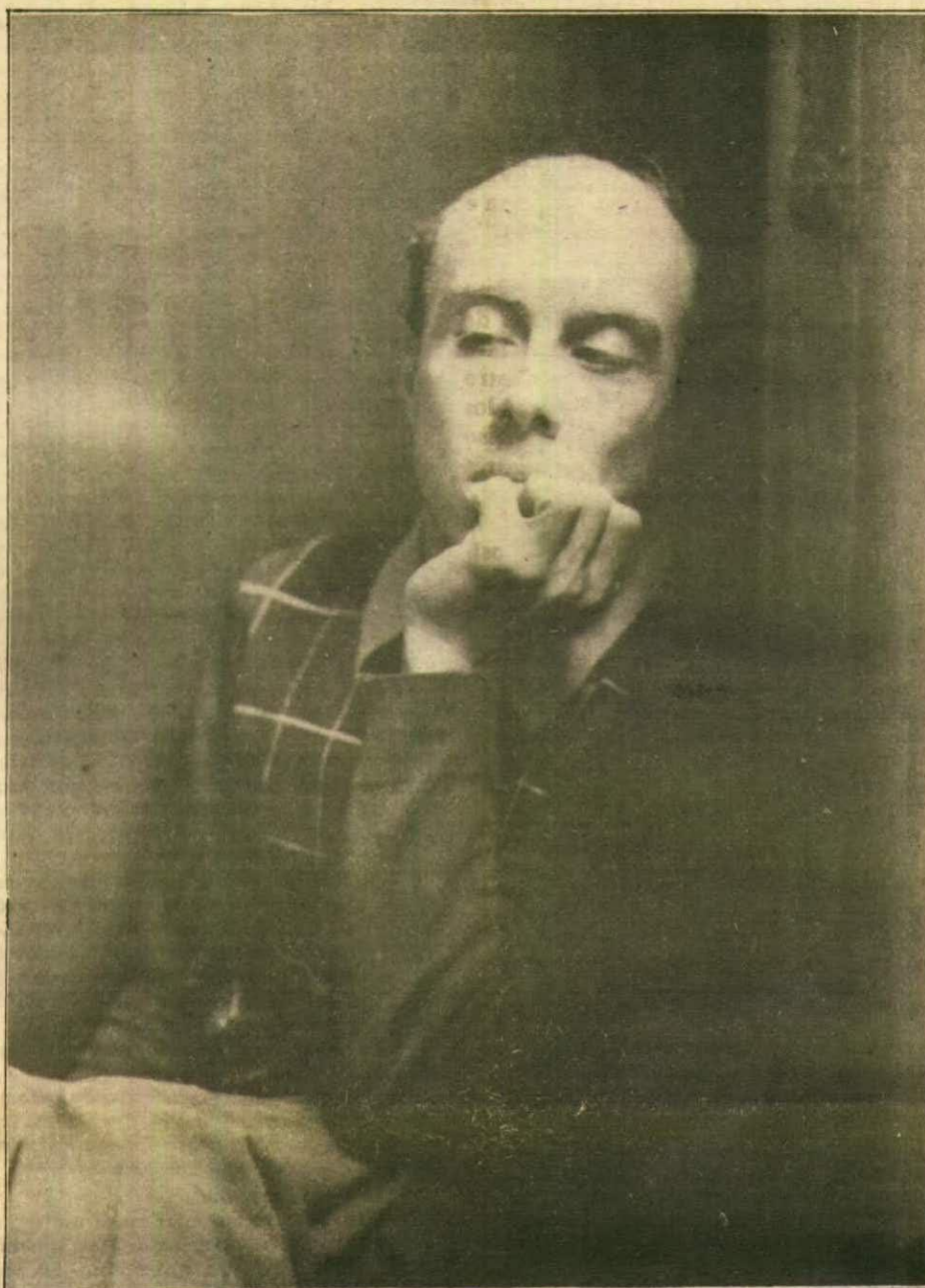
Daniel — Olha, parece que minha cabeça atrai muito o homem homossexual.

Trevisan — **Mas eu acho que o homem homossexual dos guetos não está assim tão interessado em cabeça.**

Daniel — Eu também achava, mas e daí? Será que eu sou sexy?

Trevisan — **É isso que eu quero saber.**

Zezé — **Deixa eu ver se consigo aclarar a situação. De repente, você durante um tempo viveu cercado por um tipo de gente que, queira ou não, tinha um certo nível intelectual ou de vivências e te conheceram melhor. Agora, se você vai num local onde as pessoas não sabem quem é você, onde simplesmente você se dilui sendo paraplégico, acho que a situação fica muito diferente.**

Daniel — Claro que fica. Mas veja que coisa estranha. Sabe como eu conheci Manoel, meu namorado? No Largo do Arouche. Ele não me conhecia, não sabia quem eu era, não sabia se eu tinha boa cabeça ou não, se era burro ou não. Ele viu o paraplégico, só. Me lembro nitidamente que fazia muito, mas muito tempo que eu não transava; eu estava em desespero e disse: é hoje que eu vou transar. E saí pra rua, numa segunda-feira às duas e meia da manhã, e a primeira pessoa com quem dei de cara foi Manoel. Ele me pediu as horas e me perguntou o que eu estava fazendo. Eu disse: estou caçando, você quer? Que ir comigo? Ele me perguntou quanto eu pagava. Eu disse: não pago nada; quer ir sem dinheiro? Começou assim e dura até hoje assim. Hoje ele idolatra minha cabeça, mas antes disso transou muito bem comigo. Pra mim é um mistério.

Zezé — **Outros paraplégicos que você conheceu? Como são as experiências deles?**

Daniel — Ai, Zezé, eles não têm experiências. Aí é que está o grande drama do paraplégico. Por isso não entro em grupinho de paraplégico; eles não se acham no direito de serem sensuais. São obrigatoriamente paraplégicos, é proibido ser sensual. O único sensual que eu conheci foi morto pelo pai, porque era homossexual e o pai não agüentou e matou ele. Um menino lindo, 17 anos, que o pai matou. Foi o único paraplégico homossexual que conheci em minha vida.

Trevisan — **Os paraplégicos têm o mesmo tipo de transa?**

Daniel — O mesmo tipo de repressão, a não ser que apareça uma diva salvadora, ou então uma paraplégica traumatizada que vai juntar as muletas. Senão eles ficam assexuados.

Emanoel — **Você falou em grupos de paraplégicos. Eu não tenho idéia se existem grupos organizaods; como é que são, você sabe disso?**

Daniel — Existem, mas o que eles discutem é só a paraplegia. Eles não podem falar de sexo; eles próprios se proíbem. Eu morei em Paris. Então, como a situação do deficiente físico na Europa é muito diferente da nossa, você descobre pessoas com uma mentalidade maravilhosa e que transam o corpo maravilhosamente bem, paraplégicas ou não. Então eu voltei para o Brasil com a doce ilusão de que aqui ia encontrar paraplégicos maravilhosos, soltos. Isso foi em 1975, quando voltei pra cá. Que desilusão! Aqui eles são retrógrados, reprimidos, assexuados. E o pior crime que uma pessoa pode cometer contra ela mesma é ser assexuada.

Emanoel — **Esses grupos estão ligados a que? Quer dizer, quem é que promove isso?**

Daniel — As pessoas se juntam. Tem federações, sabe?, essas coisas. Mas é um negócio muito lamentável. Uma vez uma amiga minha me disse um negócio sábio: sabe qual é o problema com as suas terapias? É que você vai pra terapia e o psiquiatra acha que porque você é paraplégico ele tem que nivelar toda a terapia no nível da paraplegia, porque o paciente é limitado, sofre, é segregado profissionalmente, etc... De repente, eu invado o consultório com minhas muletas e tudo e começo a colocar problemas existenciais. Então o cara fica chocado, porque apesar de psiquiatra ele é um membro dessa sociedade, e no inconsciente dele eu não tenho o direito de ter problemas existenciais. Daí, ele também não sabe como lidar comigo.

Trevisan — **Quer dizer, o único direito que você tem é de se sentir paraplégico.**

Emanoel — **Quanto tempo você ficou na Europa?**

Daniel — Fiquei três meses em Paris e um pouco em Portugal, não quero nem lembrar quanto foi. Mas a minha volta foi forçada pela falta de dinheiro. Eu ia morar lá e não queria mais voltar. Minha única chance de ficar na Europa era voltar para Portugal. Então eu pensei: entre Portugal e o Brasil, mil vezes o Brasil.

Trevisan — **Você sempre foi paraplégico? Sempre fui assim, ou houve alguma evolução?**

Daniel — Era pior, porque eu não podia usar muleta, então era totalmente dependente das pessoas pra me locomover. As muletas, ao invés de serem o meu ponto de ruptura com a vida, foram meu ponto de contato com a vida. Eu abenço essas muletas, são assim as minhas amantes simbólicas. E além do mais, são um símbolo fálico!

Trevisan — **Como é que foi essa evolução, em função de quê? Foi uma evolução natural ou por tratamento?**

Daniel — Tratamento eu fiz muito pouco, sempre fui muito preguiçoso. Meu exercício máximo é a natação. Quando me dá na telha. Se o sol está deslumbrante, então eu nado.

Zezé — **Como foi a reação de sua família quando soube de sua homossexualidade?**

Daniel — Lágrimas, berros, urros, xingamentos: oh, que horror, foi tão bem educado, que coisa imoral, que coisa terrível, como você me faz sofrer, oh! Foi nesse nível.

Emanoel — **Você tem irmão?**

Daniel — Felizmente não. Sou muito competitivo. Acho que se tivesse uma pessoa muito próxima de mim com muito mais coisas do que eu, não ia tolerar muito não.

Emanoel — **E sua relação com seus pais?**

Daniel — É péssima. Eles curtem muito meu lado intelectual, curtem muito meu homossexualismo intelectualizado. Mas na vida prática eu sou um horror, um monstro. Preconceito: contra o homossexualismo, contra a vida noturna, contra a bebida.

Trevisan — Você é muito beberrão?

Daniel — Eu bebo, sim.

Zezé — **Como foi sua experiência com drogas? Você continua? Por que deixou? Será que a droga te trazia sensações mais...**

Daniel — Não foi droga, foi LSD. Eu não considero LSD droga, é um alucinógeno, não vicia. É um negócio que te abre a percepção. Mas não acredito que abra a percepção de uma pessoa burra, por exemplo. **(risos)** De repente, a pessoa burra toma LSD e parte justamente pra isso: "Oi, bicho". Sabe?, ela cai nesse nível do "oi bicho", "tou na minha". Por exemplo, quando tomei LSD eu percebi o quanto a minha percepção visual era boa e eu não sabia. E quanto eu tinha ritmo dentro do meu corpo. Porque de repente, durante a viagem eu comecei a ver as coisas da maneira como eu via quando estava numa outra sem LSD, quando eu estava inteiramente lúcido. Então o LSD não me abriu nada. Ele simplesmente me confirmou o que eu já era. Eu não fui feito pelo LSD, mas fui completado.

Zezé — **E como ficava a questão da tua paraplegia com o ácido?**

Daniel — Foi ótimo, porque nessa época eu estava fazendo psicodrama, onde as pessoas eram apavoradas com minha paraplegia e meu homossexualismo, dizendo que tinham medo de mim porque eu sou homossexual e paraplégico, aliás, aleijado, porque as pessoas não falam paraplégico, dizem aleijado. Paraplégico é um negócio muito erudito mas eu prefiro. Tenho horror a que me chamem de aleijado. Aleijado e bicha, não me chamem porque eu mato. **(risos)** Homossexual e paraplégico, tudo bem. Como eu estava naquela transação das pessoas terem medo de mim e não conseguirem lidar com a diferença, tomei o LSD e entrei num estado de paz maravilhosa. Então eu dizia: Puxa, como eu gosto do meu corpo. Eu sabia que gostava, mas depois do LSD fiquei gostando mais ainda. Então, aprendi a gostar de mim dos pés à cabeça, do jeito que eu sou, sem querer, mudar nada. Tenho um amigo que é um amor de pessoa, mas ele olha para minha cara e diz: Daniel, você tem uma cara muito interessante, mas seus olhos estão um pouco fora de lugar, sua calvície tem alguma coisa que poderia ser mudada. Eu olho pra ele e digo: Olha, nem que você me pegasse pra fazer a operação de estrabismo eu faria, estou muito satisfeito comigo do jeito que sou. Se disserem que a minha perna está torta, eu sei que está, mas não quero endireitar.

Emanoel — **Estranho o fato de você não ter tido problemas de aceitação relativamente ao fato de ser paraplégico, e ter tido problemas quanto a ser homossexual. A questão da diferença...**

Daniel — A diferença da paraplegia é uma coisa que as pessoas podem lidar muito bem, porque elas podem virar escoteiras. Com o homossexualismo, ninguém é escoteiro.

Emanoel — **Mas trata-se de você em relação a você. Você diz que aceita o corpo do jeito que ele é. E poderia dizer também que aceita sua sexualidade do jeito que ela é...**

Daniel — Na medida que aceito meu corpo do jeito que é, comecei a aceitar minha sexualidade também. O único grilo que permanece é que às vezes eu transo com mulher. E às vezes é muito bom. Então, caio nessa de perguntar qual é a minha. Olha, acho a bissexualidade a coisa mais saudável em termos de sexo, porque você pode escolher transar hoje com uma, amanhã com um, ou vice-versa. Acho ótimo. Mas se entra num relacionamento afetivo, então é catastrófico. Um homem que casa, por exemplo: não dá pra continuar transando em sigilo com homem, enganando a mulher.

Os paraplégicos não se acham no direito de ser sensuais.

Trevisan — **Que idade tem seu namorado?**

Daniel — Trinta e quatro; vai fazer. Eu tenho trinta e seis.

Trevisan — **Você disse que uma vez estava fazendo dança. Como foi?**

Daniel — Uma experiência magnífica. Inclusive, aqui encaixa de novo a história do LSD. Meu terapeuta, talvez o único lúcido que encontrei disse: você nega seu problema físico, joga tudo por conta do homossexualismo, diz que seu problema é este, que não se aceita como homossexual e quer se definir sexualmente, então faz terapia por isso. Mas você se esquece que é paraplégico. Quem sabe toda essa carga de neurose que você tem não é por causa do teu corpo, que você usa mal? Eu falei, deve ser mesmo, tudo bem. Depois do LSD, a expressão corporal me desbundou de vez, foi um negócio belíssimo, porque eu usava todo o meu corpo, dos pés a cabeça, as sensações, tudo.

— Era um grupo; eu era o único paraplégico do grupo, e o mais agitado, o mais solto de todos; porque eu já tinha tomado LSD, era plenamente consciente do meu corpo, e fazia coisas até bonitas dentro do grupo. Ficaram escandalizados. As pessoas são muito bloqueadas fisicamente, é um negócio lastimável, normais ou não, homossexuais ou heterossexuais, são todas bloqueadas. E eu não tinha mais couraça, né? Então, era um escândalo. Porque é a tal história, o paraplégico só pode ser paraplégico. Se eu entrasse lá para fazer expressão corporal de cadeira de rodas, eles ia achar ótimo. E de gravata e paletó, de preferência...

Emanoel — **Você disse que transa com mulheres de vez em quando. Como é que você faz?**

Daniel — Eu me sinto muito frágil.

Emanoel — **E você caça mulheres como? Como faz para conseguir?**

Daniel — Não vou com prostitutas, não, e isso é muito engraçado: vou com prostitutos, mas com prostitutas, não vou. Preconceito, talvez.

Emanoel — **Quem são as mulheres com quem você transa?**

Daniel — Mulheres que se acham belíssimas, inteligentíssimas, mas que no fim são umas cretinas, porque... As mulheres não intelectualizadas que foram para cama comigo são muito melhores, realmente são.

Zezé — **Essas mulheres foram para cama contigo por puro tesão?**

Daniel — Que tesão nada! É um negócio muito assim, de piedade, que fica patente desde logo.

Zezé — **Parece difícil entender que uma pessoa vá para cama com outra por piedade.**

Daniel — Não é não, pô. Não sei se transaria com uma mulher paraplégica. Com um homossexual paraplégico, eu ia acha ótimo. Mas não conheço nenhum. Pelo menos, nos meios gueis, eu não vi paraplégicos.

Emanoel — **Mas nos meios paraplégicos...**

Daniel — Outro dia fui numa dessas malfadadas reuniões de paraplégicos. Eu disse: pela última vez vou tentar. Cheguei e vi mulheres horrorosas liderando, heróicas, assim Betty Friedan de cadeira de rodas, aquela coisa terrível. E os homens passivos, quietinhos. LINDOS! Eu olhava para cara deles e pensava, Minha Nossa Senhora, será que essa gente trepa? Tinha um lá que me dava vontade de pular no pescoço dele, de tão lindo que era, mas eu não sabia qual seria a reação dele.

Emanoel — **Você teria coragem de se aproximar? De fazer uma proposta?**

Daniel — Claro! É que eu só assisti uma reunião, por isso não fiz. São lindos, lindos, LINDOS! Inclusive eu pensei na hora: se essa gente não consegue transar o corpo, são muito infelizes. Nesse nível, fiquei com muita pena. Porque eu digo: se não conseguem ter uma vida sexual satisfatória, coitados. Eu acho que sexo é uma coisa muito importante.

Zezé — **Você chegou a entrar num grupo organizado de homossexuais, o Somos; como foi a experiência? Sua expectativa foi correspondida?**

Daniel — Não. Foi assim: eu comecei, em minha escalada guei, a freqüentar boates. De repente, entro no Men's Country como se fosse minha casa, todo mundo me conhece, gosta de mim e me sinto protegido e aceito. Então, meu refúgio virou o Men's Country no começo, quando eu tava ainda muito inseguro. Eu dizia: Aqui são todos homossexuais, que maravilha, tudo bem. Cada vez que eu tava chateado ia lá, caçava alguém. No grupo Somos eu entrei assim também. Lia o Lampião, dei com aquele negócio do grupo Somos que saiu no jornal, achei ótimo, pensei: deve ser um Men's Country ampliado, vai ser uma delícia. Doce ilusão... Não encontrei pessoas maravilhosas, com raríssimas exceções; não encontrei gente solta, com raríssimas exceções; não deixei de encontrar pessoas preconceituosas também, com raríssimas exceções.

— Acho um preconceito, por exemplo, o homossexual ter que ser homossexual 24 horas por dia. Acho um horror, um negócio doente, de precisar de psiquiatra. Tá bom, você é homossexual, você optou. Sexualmente, prefere ir para cama com uma pessoa que seja igual a você, ótimo. É uma opção, inclusive duríssima, você tem que chegar lá, tem que treinar para isso. Chegou lá, ótimo. Mas não precisa ser homossexual 24 horas por dia.

Emanoel — **O que você chama ser homossexual 24 horas por dia?**

Daniel — É viver a sexualidade de uma maneira doente. Inclusive, duvido que metade ou um terço do grupo Somos transe bem.

Zezé — **O grupo Somos hoje?**

Daniel — Grupos homossexuais em geral, inclusive o de vocês, o Outra Coisa. Não acredito que nos grupos homossexuais as pessoas transem bem sexualmente, porque se transassem não fariam tanta teoria em cima. Não precisa. Quem está muito seguro de sua sexualidade não precisa fazer teorização. No grupo eu esperava uma coisa afetuosa, e encontrei uma coisa intelectualizada. Gente inteligente demais pro meu gosto. Pessoas muito teóricas. Então eu olhava pra cara delas e pensava: Meu Deus, será que eles trepam direito? Será que são homossexuais mesmo? Pra que tanto esforço, tanta teoria! Inclusive essa coisa de querer politizar o movimento: acho que o movimento, em si, já é político! Você quer anarquia maior do que pretender que metade da população do mundo deixe de procriar? Já é revolução em si, acabou.

— Acho que o que menos existe dentro desses grupos é afetividade. E a pessoa vai lá em busca de afetividade, não vai procurar intelectualização. E isso não existe; existe muito fingimento, muito beijinho, muito abracinho, mas gente que se goste mesmo dá pra contar nos dedos. É muito folclore, bichismo no pior sentido.

Trevisan — **O que você está preparando em termos de literatura?**

Daniel — O livro que estou preparando agora se chama **O Esconderijo Castanho.** Essencialmente, muito mais do que o outro, **Por que mataram Pasolini,** é um livro sobre homossexualismo

Zezé — **É um romance?**

Daniel — É. Inclusive faz muita teorização em cima do homossexualismo. Mas também transa muito bem. Não fica só nisso. Eu não acredito em estética homossexual. Não acredito em homossexual superdotado, em homossexual gênio. Pra mim homossexual é o cara que transa com outro homem, só. O resto é folclore. Incluindo a mim próprio. Deixei de ser homossexual 24 horas por dia quando disse: não vou violentar meu trabalho; só porque sou homossexual, não vou transformar um trabalho meu literário. Nessa hora eu já não estava mais sendo homossexual 24 horas por dia. Na hora em que achei que o grupo Somos era uma bosta, não estava me violentando mais, porque não estava mais interessado.

Emanoel — **E seu curso de Direito?**

Daniel — Foi a coisa mais trágica, o negócio mais sem sentido que aconteceu. Não tem explicação. Eu gostava e queria. A teoria é belíssima. Agora a prática é simplesmente nojenta em todos os sentidos. Eu me formei advoguei, fiz foro e tudo. É um horror.

Trevisan — **Você deixou de exercer a profissão desde lá?**

Daniel — Sim, mas no ano passado eu voltei, só de farra. Comecei a fazer audiência, que nunca tinha feito. E também estou treinando, porque vou fazer o desquite do Maneco, o meu namorado. Eu sou advogado dos meus amantes. Fui advogado do Eduardo, quando ele foi preso. Ele teve problemas porque a carteira dele estava muito deteriorada, e então o prenderam. Então, naquela época eu não era nem formado, mas simplesmente invadi o DOPS às oito horas da noite, com uma propriedade incrível. Não botei nem gravata nem nada. Entrei de camisa vermelha, paletó esporte, dizendo: essa prisão aqui foi indevida, e eu quero essa criatura solta já, porque senão vou aos jornais e faço o maior escândalo. O cara ficou tão assim que disse, tudo bem. Então eu resolvi ser advogado dos meus amantes.

Trevisan — **Você ganha dinheiro com quê?**

Daniel — Com os livros, com as reportagens. Ganho dinheiro assim. De repente pego uma causa, coisinhas assim. Aliás, já que estamos no Ano Internacional do Deficiente Físico, fui segregado da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Fiquei anos sem poder exercer, porque era paraplégico, numa função que era meramente intelectual. O departamento médico me negava o direito de trabalhar, mesmo sendo eu contratado. Então eu disse: olha aqui, já estou contratado mesmo, então não vou nem me dar ao trabalho de buscar os olerites, vou simplesmente receber no banco e não trabalho mais, só recebo. Então passei dois anos nababescamente. Quando chegou no final dos dois anos, o Paulo Egídio resolveu fazer cair essa portaria fantasma que impedia de contratar deficientes físicos. Logo que saiu no Diário Oficial, me chamaram pra assinar um papel pra trabalhar. Assinei o papel; não durou 15 dias, o contrato foi rescindido. E não foi renovado. E estamos no Ano Internacional do Deficiente Físico. Este é um final bem brasileiro...

O tititi dos surdos-mudos

Há muito, muito tempo — alguns calculam que chega a 10 anos — eles se reúnem nas noites de sábados e domingos na famosa esquina das avenidas Ipiranga e São João, na Sampa cantada por Caeteno Veloso. Ali discutem à sua maneira, os problemas, os bofes e desilusões que cercam a vida de cada homossexual perdido na metrópole.

São cerca de 15 mil homossexuais surdos-mudos que chamam a atenção dos que passam pela esquina nessas noites, não por usarem roupas espalhafatosas ou terem atitudes provocantes, como a maioria do pessoal que freqüenta aquelas ruas da cidade, mas pela insistência comprovada através dos anos em se manterem unidos, tentando criar entre si a comunicação impossível com as pessoas que eles mesmos chamam "normais". E usam a mímica, e usam o abecedário dos surdos-mudos e até mesmo gestos que compõem uma espécie de vocabulário só deles. Chamam a atenção por causa disso.

Lampião tentou ouvi-los, pois, como portadores de um deficiência física, devem ter problemas específicos tanto na vida cotidiana como na parte sexual de suas existências. E a dificuldade consistia justamente nisso. Como poderíamos "ouvi-los", se nem ler nos lábios lhes é possível? A solução foi dada por eles mesmos: chamaram Maurício, integrante do grupo que ouve razoavelmente e consegue se expressar com relativa clareza. Maurício conversou conosco, e com os outros surdos-mudos comunicou-se através de gestos.

A primeira pergunta: por que eles vão ali, formando praticamente um gueto particular dentro do gueto homossexual da paulicéia? Bom, a dificuldade dessa gente consiste exatamente na comunicação. E eles que foram forçados a um isolamento quase que total (pois não ouvem rádio, nem televisão, não assistem teatro, e nem podem inclusive bater um simples e informal papinho com os amigos — e é nessas horas que a gente descobre como nós somos privilegiados!), têm que se ater às leituras e aos filmes estrangeiros por causa das legendas. Então, contou Maurício, as coisas aconteceram naturalmente: quase todas as bichas de São Paulo conhecem o bar do Jeca, na **esquina do pecado** formada pelas avenidas Ipiranga e São João. E para lá elas foram. Com o tempo se viram, se conheceram melhor, iniciaram longas sessões de conversa através da mímica. Marcaram repetidas reuniões nos finais de semana subseqüentes. Estava formado o grupo.

O problema é que o local não é dos mais apropriados para qualquer tipo de encontro, mesmo que discreto e pacífico. A partir da esquina e do bar vão se sucedendo um cinema pornô, um fliperama manjadíssimo onde pululam os michês e o célebre cine Ipiranga, em cujos sanitários acontecem coisas difíceis até de se imaginar. E isso é outro grilo para elas resolverem, pois as surdas-mudas não querem, não podem fazer parte desse meio. E o demonstram usando roupas bonitas, de acordo com o padrão de vida que levam — na maior parte trabalham como desenhistas, pintores, escriturários, Maurício é funcionário público de nível universitário; podem ser classificados portanto como classe média — , gestos moderados e muito **simancol**. Isolam-se ainda mais dentro do seu grupo.

De fato, eles tentam evitar o assédio dos michês que permanecem em frente e às vezes mandam bilhetinhos convidativos que incluem o preço dos serviços a serem prestados. Também há muitos viciados e traficantes de drogas, que precisam ser afastados principalmente devido aos camburões da polícia. As peruas passam constantemente em frente ao local e é difícil a vez em que algum dos passantes não é convidado a um **passeio** até a delegacia mais próxima. A boca é quente mesmo e na época do Richetti, então, conforme disse Maurício, a coisa ficou preta de vez. De forma que, até hoje, os integrantes do grupo vão para casa sozinhas e bem cedo. Às 9 da noite, em geral, nenhuma das surdas-mudas está mais na rua.

E para caçar, então, como é que se faz? Difícil, comenta o porta-voz do grupo, explicando que o preconceito existe e é forte. Muitos acham ridícula a gesticulação ou simples fato de que numa relação fica difícil expressar o prazer e o carinho. Onde ir é outro problema. Num hotel ou em casa os riscos são enormes porque não dá para escutar o que o parceiro — no caso, um estranho convidado nas ruas — está fazendo. Se a bicha cai no sono, a tentação do outro em roubar o dinheiro e a roupa é mil vezes maior do que se a boneca fosse normal. Afinal, o outro sabe que ela não está escutando nada.

Nenhum dos que integram o grupo tem caso, mas Maurício não sabe explicar se isso é proposital. Particularmente, ele considera que um relacionamento fixo teria mais chances de dar certo se fosse entre dois surdos-mudos. De outro modo, seria muito difícil, tanto quanto é perigoso aventurar-se pela cidade quando não se tem o dom da audição e da fala. Um ou outro se dedica algumas vezes à caça em locais fechados (tipo banheiro, por exemplo) onde a transa não exige troca de palavras.

Todas essas dificuldades não apavoram os homossexuais surdos-mudos, para quem a vida de qualquer bicha na cidade grande é sempre cheia de problemas e atropelos. Segundo transmitiram a Maurício, tão importante quanto as reuniões de domingo à noite naquela esquina são os encontros e festas na Associação dos Surdos-Mudos de São Paulo (Rua Oratório, 900 — 20 andar — Alto da Mococa (que lhes abriu novas perspectivas de vida pessoal e participação social. Aliás, mesmo naquela esquina do pecado eles distribuem os folhetos amarelos da Associação, com toda a programação de atividades do mês.

Para eles, ainda, mais importante do que uma transa maravilhosa é o fato de se aceitarem e se assumirem com a deficiência física e como homossexuais. Seu problema tem origens diversas: hereditariedade (existem famílias inteiras em que todos são surdos-mudos), rubéola e catapora na gestação, além de outras doenças. Mas eles estão conseguindo superar tudo isso. E do Ano Internacional dos Deficientes Físicos, o que eles esperam em termos de ajuda e apoio da sociedade normal? A resposta é bem objetiva: nada. (Eduardo Dantas e Paulo Augusto).

"... Eu descarrego esperma pelos olhos, pela boca, pelos dedos..."

O imortal Vinícius de Moraes, também famoso por suas conquistas amorosas, confessou um dia, o seu ciúme por um homem que conseguia arrancar suspiros de admiração de sua amada. Não se tratava de um impecável galã de cinema, muito menos de nossa televisão tupiniquim. O ciúme do poeta, para despeito de pasquinianos machões, era por um paraplégico: o pintor e autor do livro recentemente lançado "Minha profissão é andar", João Carlos Pecci, irmão do cantor-compositor Toquinho. Ele é paraplégico desde o nublado ano de 1968, devido a um acidente automobilístico. No desastre, a sua medula espinhal foi comprimida por uma vértebra , o que provocou a perda de praticamente todos os movimentos.

Estatísticas da Organização Mundial de Saúde revelam que 10 a 12% da população de cada país é composta por pessoas portadoras de deficiência física. Desse percentual, acredita-se que 50% é composta por vítimas de acidentes variados, desde quedas, disparos de revólveres e, principalmente, desastres de trânsito. A incidência sobre a população infantil oscila em função do controle da poliomielite.

VAMOS FAZER AMOR?

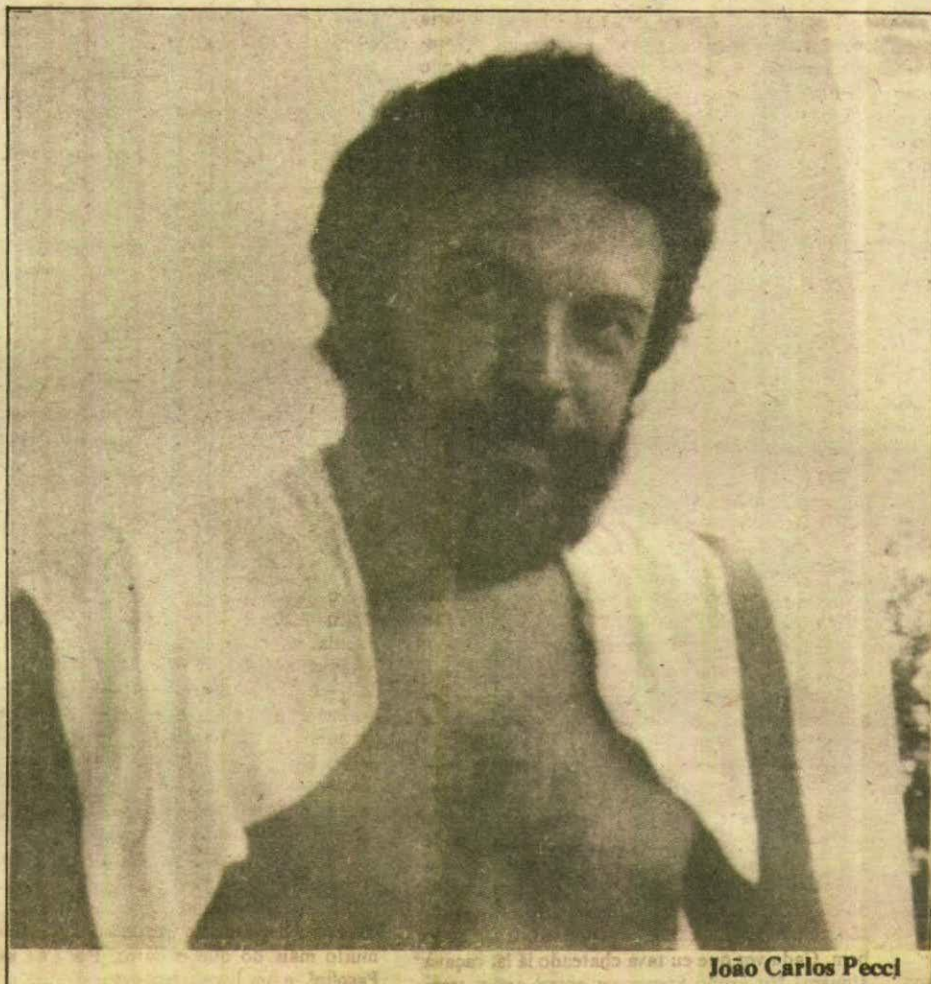
E como é que fica a vida sexual de uma pessoa portadora de alguma deficiência física? "Não fica, continua" — respondeu João Carlos Pecci — "sujeita a momentos de sucesso e fracasso, como ocorrem na vida de qualquer ser humano". Lembro-me, então, de um fato contado por um amigo meu, cuja experiência não esqueci. Estava ele, excitadíssimo, já no espremido quarto de um hotel, ao lado do homem que havia conquistado numa dessas noites frias que abalam esta paulicéia desvairada, quando, no delicioso e afobado processo de **strip-tease**, recebeu um choque visual, anulando todo o seu tesão. O seu parceiro, sem qualquer preconceito, exibia uma perna mecânica, como se fosse um troféu de raro valor, cujo prazer era deixá-la à mostra como parte do seu próprio corpo. Uma satisfação que, segundo ele, era idêntica à de uma pessoa que exibe um pênis enorme nos sanitários da vida, para deleite de nossos poluídos e preciosos olhos. Meu amigo não pensou duas vezes.

Suspendeu a sua calça, já estacionada sobre os pés descalços; vestiu a camisa; calçou as botas que estavam espalhadas em dois cantos da parede, e **bye, bye**, Brasil.

O fato é que os portadores de deficiência física (só eles?) estão sujeitos à esse tipo de preconceito. Nem todos aceitam manter um envolvimento; homo ou hetero, com eles. O escriturário Fernando, de 25 anos, conta que já teve um relacionamento sexual com uma garota portadora de deficiência por paralisia infantil. "Se estivesse presa numa cadeira de rodas não seria diferente, eu a levaria pra cama tranqüilamente.

— Sim, somos mais carinhosos. Sabemos explorar o corpo de nossa parceira, proporcionando-lhe prazer que muitas pessoas, supostamente normais, não conseguem — me afirma o halterofilista Vinicius, campeão mundial de levantamento de pesos nos anos de 74, 75 e 77, preso há nove anos numa cadeira de rodas. Com o rosto bonito, severo, músculos a saltarem do seu peito e uma corrente sustentanto duas valiosas medalhas de honra ao mérito presas no pescoço, Vinicius dá o seu depoimento:

— Sexualmente, sou duplamente marcado. Primeiro, por, antes e após o acidente, praticar o halterofilismo, esporte que muitas pessoas ainda acreditam ser praticados por homens narcisistas e impotentes. E segundo, por ser paraplégico em conseqüência de um acidente de carro, que ocasionou uma lesão medular na 12ª e 13ª lombar, que provoca distúrbios sexuais.

Sua vida sexual é fundamentada no princípio do que ele consegue fazer atualmente, desprezando as possibilidades que um dia chegou a ter. Mesmo solteiro, com o pênis impossibilitado de ter ereção, Vinicius tem uma vida sexual que — dentro de suas condições — ele considera normal, como qualquer outro homem, também sujeito à rejeição por parte da pessoa que lhe interessa. Ele tem as suas limitações, reconhece. A mulher, então, além de muita paciência, deve amá-lo, e não a seu pênis, em permanente estado de repouso. O que muda é a sua condição física, mas os seus gostos permanecem, talvez até mais apurados.

João Carlos Pecci

A experiência lhe provou que, de mulheres, nada sabia. O seu relacionamento sexual com elas era do tipo tão comum em nossos homens: entrou, gozou, chacoalhou e guardou. Ou, quando muito, um tapinha no bumbum de sobremesa e — "passe bem, **milady**".

O maior problema ocorre com a mulher portadora de deficiência física, notadamente a paraplégica, que sofre um processo de higienização diferente do homem, que, em muitos casos, carregam consigo um coletor urinário. Na mulher, o equipamento é substituído por uma fralda, que lhe provoca incômodo e muito mal estar. Por essa e outras muitas razões, ela se fecha em seu mundo, além de sofrer maior preconceito por parte dos homens. As paraplégicas — segundo observação de um entrevistado — em sua grande maioria são solteiras. O homem paraplégico tem mais facilidade em conseguir uma companheira. "Isso não quer dizer que — afirma categoricamente uma paraplégica que pediu para não ser identificada — somos assexuadas. Há alguns casos de mulheres casadas, inclusive com paraplégicos."

— A beleza da mulher ainda me é fundamental — exige o charmoso João Carlos Pecci, provando que o seu gosto não foi alterado em razão do seu aspecto físico. Digo-lhe, então, que isso é culpa do poeta Vinicius de Moraes, que apenas pediu perdão às mulheres feias. Ele ri, e complementa: "O sexo é necessário na vida do ser humano. Hoje, eu utilizo o meu corpo de uma maneira bem mais sublime, sem me sentir paraplégico — aliás, eu não me sinto —, satisfeito que estou em saber do prazer que posso provocar em outra pessoa".

Ele não manteria uma relação sexual com uma mulher pelo simples fato de ela querer saber "como é a coisa com um paraplégico". Também não acha vantajosa a aplicação de silicone no pênis, pelo simples capricho de mantê-lo preparado para o ato, quando bem entender. Em seu livro, Pecci dedica um capítulo à sua vida sexual, contando os detalhes de uma de suas — ele diz que são muitas — aventuras. Eis algumas frases constantes do livro: "E o sexo de um paraplégico continua. No cheiro do cabelo, na cor da mulher amada. Continua em cada girada de rosto, em cada toque de dedo. Continua na vibração transmitida a uma mulher de corpo são e sensível. Há sexo em cada olhar que pede mãos, e em cada fechar de olhos tocados."

Sobre a sua condição sexual, ele também escreve, com muita sensualidade: "Impotente na ejaculação, eu descarrego esperma pelos olhos, pela boca, pelos dedos." E mais, torna-se brincalhão: "Não tenho sempre um pênis assim potente. Ele é manhoso! Às vezes me surpreende, outras me decepciona. Com a bexiga cheia, não levanta mesmo! Só quer saber de urinar. Mas também, quando resolve" — gozem, queridinhas — ele "sobe, endurece e até ricocheteia (cruzes!). Cabeça grande, procurando o alvo."

A cantora Wanderléa, que manteve união durante quase sete anos com José Renato, filho gêmeo do animador Chacrinha, que tornou-se paraplégico após uma queda violenta no fundo de uma piscina, chegou a confessar que não vivia com ele sem sexo. Porém, a ex-Ternurinha — o delírio da moçada guei que até hoje a acompanha — reconheceu que o seu relacionamento sexual era difícil. A separação entre ambos foi inevitável, como qualquer outro casal, provocada por incompatibilidade de gênios, apesar de ainda serem grandes amigos.

Houve deficientes que preferiram não falar sobre o assunto. Não insisti. A sexualidade dos portadores de defeitos físicos ainda é um tabu, segundo o presidente da Associação Brasileira de Deficientes Físicos (Rua Rio Grande, 71 — CEP 04018 — Vila Mariana — SP), David Pinto Bastos, de 56 anos, sem a parte do antebraço direito desde os 14 anos. "A grande maioria dos paraplégicos, excetuando os casos provocados por poliomielite, sofrem, mesmo que proporcionalmente, de impotência. Não gostam de falar sobre o assunto, pois, presos ainda em sua complexidade, acreditam que deixam de ser homem pelo fato de serem impotentes."

A Associação, com 3.200 sócios, tem em seu quadro raríssimos homossexuais — informa ele. Lá, todos são aceitos sem qualquer tipo de preconceito, "desde que mantenham a compostura", e isso vale para todos. O próprio presidente da entidade conta que já sentiu o amargo gosto do complexo de inferioridade, pela falta do antebraço — chegando a pagar prostitutas para saciar a sua fome de amor.

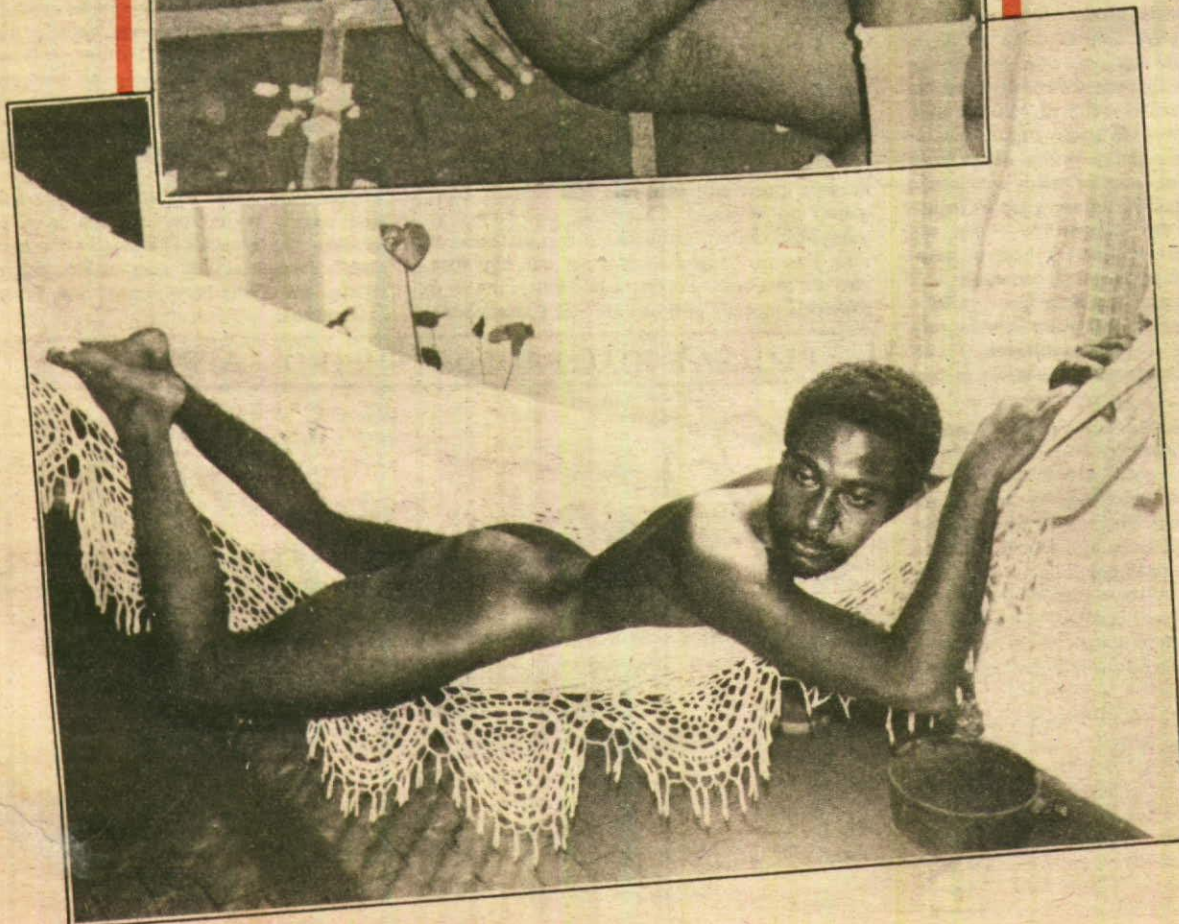
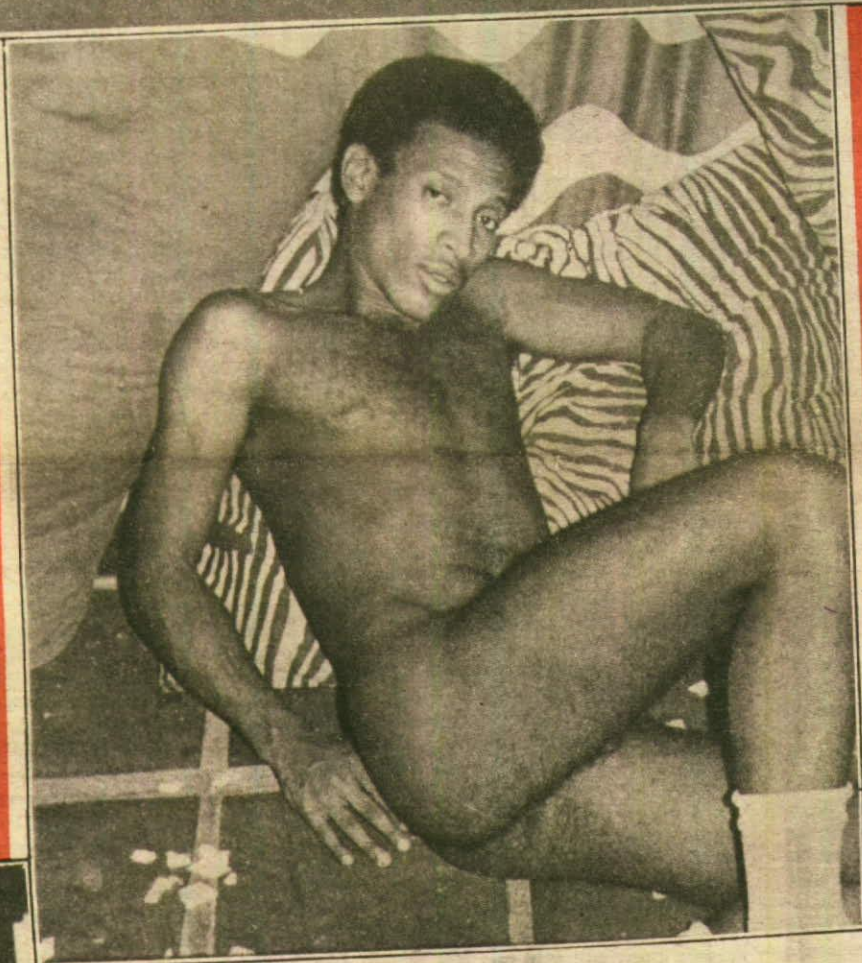
— Transo com qualquer um. Eu olho a sua carteira e não o seu corpo — vai dizendo a prostituta Maria Andréa (o nome, naturalmente, não é esse), quando lhe pergunto se ela manteria relação sexual com um deficiente físico. O mesmo me responde o garoto Lourival, um michê que faz ponto nas proximidades do Cine Ipiranga, em São Paulo. "Tudo vale, desde que eu receba o meu trocado", acrescenta. Já o estudante Antônio Carlos pede tempo para pensar sobre o assunto. "É... eu acho que não transaria. Não teria coragem de me aproximar de uma moça com problemas. Poderiam me tomar por um pervertido sexual."

E AGORA, RAFAELA?

À procura de novos depoimentos, me deparo, repentinamente, com um homossexual, cuja deficiência está em suas pernas, diferentes uma da outra em espessura e comprimento. Aproximo-me sorrateiramente, feito Rafaela Mambaba e, mesmo não sendo fumante, peço-lhe um cigarro, procurando conversa. Após um certo tempo de papo furado, faço-lhe a pergunta fatal, sem esperar que uma resposta deste tamanho iria me diminuir progressivamente, como se eu fosse atingido por um creme mágico — por favor, não pensem em vaselina — inventado pelo professor Pardal. Com o olhar a saltar faíscas de ódio, a bicha responde, quase gritando:

— **Sáaalll, horroróoooa, de defeituosa já basta eu.**

Fico paralisado, enquanto ela se retira, em seus passos saltitantes, misturando-se com a colorida fauna paulista, à caça de homens "normais", deixando-me só, com um fino cigarro que satisfaz em minha boca semi-aberta. (**Francisco Fukushima**).

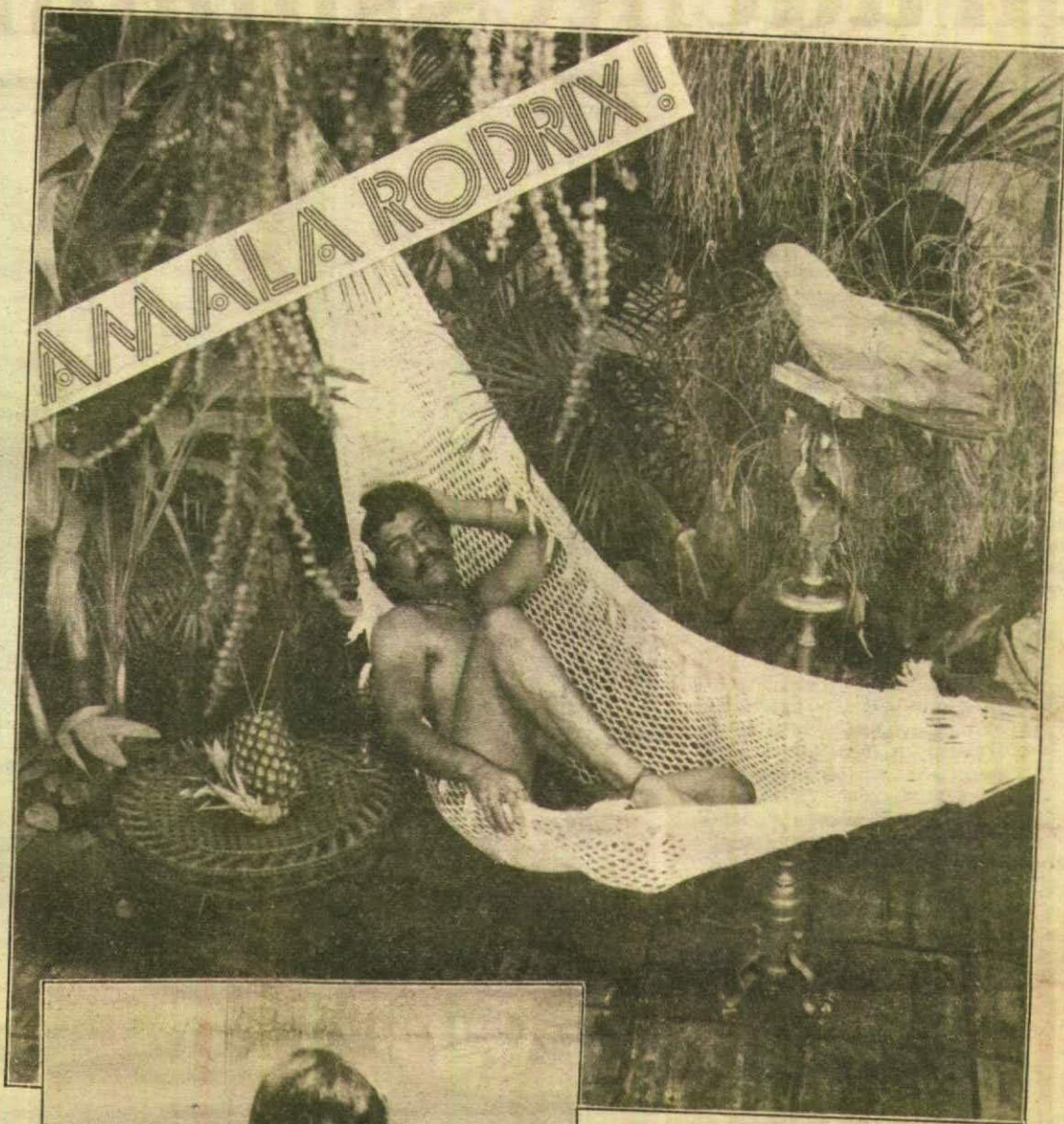
Colírio

A batalha d

De todas as escaramuças em que o Lampião se empenhou, nestes três anos de vida, sem dúvida a mais prolongada foi a batalha do nu frontal. Além das discórdias internas em torno do assunto (havia quem considerasse a publicação de fotos de homens nus um desrespeito, mas esta opinião acabou atropelada — e virtualmente morta — pelos pedidos dos leitores), havia a questão da censura: por que o corpo da mulher pode ser mostrado e o do homem não? A essa pergunta pedessista, nós respondemos com a nossa: e por que não mostrar tanto o corpo da mulher quanto o do homem? Que há de pouco digno neles? Se a gente não se envergonha dos nossos corpinhos, por que escondê-los?

A batalha acabou com muitos pontos computados para o Lampião, é claro, mas vale a pena fazer a retrospectiva: lembram-se de Bob Beausoleil, o rapaz que está com um leve paninho sobre as partes pudendas? Quando publicamos a foto pela primeira vez, além do paninho, ainda pusemos uma tarja, cruzes! E as fotos do pioneiro Dimitri Ribeiro (a ele, nossas homenagens e nosso eterno amor)? Selecionamos duas, dos dois negros que enfeitam estas páginas.

E o Zé Rodrix, cuja mala famosa a gente também cobriu na época? Vejam agora a dita cuja, em seus vários tons de roxo em degradée. A foto do Ney Matogrosso, copyright by Vânia Toledo, é histórica: foi publicada junto com duas outras, de Danton Jardin e Antônio Maschio, no número em que a gente assumiu definitivamente o nu frontal. A foto da masturbação, by Cinthia Martins, mostra seu modelo preferido: Iran. O louro da cachoeira vocês manjam: é do canadense John Brosseau. E a do Incrível Gay Hulk a gente comprou de uma agência e tem reproduções pra vender a vocês — cada uma custaCr$ 1.000,00 —; mandem seus pedidos pelo reembolso postal. Não é uma beleza esta seleção de bofes do Lampião? Tudo cândido e belo como manda o figurino. Que mal há nisso, hem? Nada! Viva o nu, queridinhos!

MASTURBAÇÃ

do corpo, ou cenas de nu explícito

Tiradentes, sublime Tentação

Na manhã de 17 de março, uma terça-feira, por volta das dez horas, dezenas de incansáveis habitués dos Cinemas São José e Marrocos, dois conhecidos "poeirinhas" da Praça Tiradentes, tiveram seus mais recônditos desejos frustrados. Certos de encontrarem os habituais companheiros de banheiro, os apetitosos rapazes do corredor ou ainda os excitadíssimos senhores da platéia, ficaram decepcionados e sem saber o que fazer ao ver as portas arriadas e um nefasto auto de interdição afixado na entrada dos freqüentadíssimos cinemas.

A interdição, feita pela Divisão de Controle de Diversões Públicas — DCDP — com a participação do perito Josemar Gonçalves Pinto, proíbe o funcionamento dos cinemas até que sejam cumpridas todas exigências com relação à segurança, higiene e restauração dos mesmos. O Detetive Humberto de Matos foi taxativo: **"Se voltarmos aqui e estiverem exibindo algum filme, todo mundo vai pra delegacia."** Com este episódio, a possibilidade de venda e derrubada do antigo São José vem mais uma vez a baila.

INCOMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA OU FIM DE UMA ERA?

Situado numa área que, até meados do século, foi o centro cultural da Cidade do Rio de Janeiro, a Tiradentes, famoso bairro teatral, o Cine São José encontra-se abandonado e em franca decadência. Tendo sido adquirido, após um grande incêndio, pelo empresário Paschoal Segretto, o então Cine-teatro chegou a exibir vários cartazes e personagens bastante populares. Em 1950, por ocasião de outro incêndio, desta vez no Teatro Carlos Gomes, do mesmo Paschoal, o São José abrigou a famosa Companhia de Bibi Ferreira e Mara Rúbia, que encenava o espetáculo. **"O Escândalo de 1950"**. A temporada foi curta, quinze dias apenas, mas marcou época, segundo o antigo porteiro do cinema, João José Correia, de 52 anos. E é o próprio João quem afirma que o São José e a Praça Tiradentes só foram bons até aí. **"Depois virou bagunça."**

A corrida em direção à Lapa fez com que a Tiradentes, no decorrer dos anos, fosse perdendo seu prestígio. O glorioso teatro de revista, que teve suas raízes ali, muda para os cabarés e cafés da antiga Lapa. Vários teatros e cinemas da Praça são demolidos ou transformados em lojas. Paschoal Segretto morre, ficando sua empresa de diversões entregue à família que, ao contrário dele, mostra-se de enorme incompetência administrativa, levando o grandioso império das diversões do velho Paschoal à total decadência de agora.

Há anos que o antigo prédio do Cine São José não sabe o que é uma pintura. Quando de sua interdição, foi encontrado no pior estado possível: teto totalmente danificado por infiltrações, pondo em risco a vida dos usuários com a queda de seu revestimento; total falta de segurança contra incêndios; instalações sanitárias completamente depredadas; inexistência de cadeiras na platéia, em decorrência dos bailes carnavalescos realizados ali anualmente; balcão, único local aberto ao público, com mais de 20% das cadeiras quebradas: falta de refrigeração; ratos, baratas e uma enorme variedade de insetos, além de péssimas condições de projeção. O Cine Marrocos e o Teatro Carlos Gomes, também de propriedade da Empresa Paschoal Segretto Diversões, não deixam nada a desejar, em comparação à calamitosa situação do São José.

QUEM SÃO OS ATUAIS SEGRETTOS?

A atual Diretoria da Empresa Paschoal Segretto Diversões, que situa-se no primeiro andar do anexo do Teatro Carlos Gomes, na Pedro I, é formada pelos irmãos Luiz e Martinho Segretto, seu sobrinho Gaetano Segretto e o Sr. Emílio Ibrahim, além de vários acionistas.

Segundo conta-se pela Praça, há anos a família vive um profundo desentendimento no que diz respeito à herança do velho Paschoal, sendo este, afirmam outros, o motivo principal do total descaso e relaxamento com o patrimônio — que compreende, atualmente, o Cine S. José, o Cine Marrocos, o Teatro Carlos Gomes, o Hotel Presidente, arrendado a uma firma a preço de banana, e parte do condomínio do edifício que faz esquina de Tiradentes com Pedro I, e que abriga o conhecido Bar Thalia.

Praça Tiradentes numa antiga foto de Augusto Malta

Querem lotear a velha praça, o QG da marginália

Procurados várias vezes seguidas para informarem do destino a ser dado ao Cine São José e seus demais imóveis, os Segrettos negaram-se intransigentemente a dar qualquer depoimento, alegando falta de tempo, no momento, e grande preocupação com as sucessivas reuniões do Conselho e da Diretoria da Empresa. Cordialmente sua secretária despachou-nos, pedindo que os procurássemos daqui há dois meses.

O LOTEAMENTO DA PRAÇA

Sabe-se que um diretor e também tesoureiro da Empresa Paschoal Segretto, Sr. Martinho, tem grande interesse em desfazer-se dos cines São José e Marrocos e do Hotel Presidente, quase todo um quarteirão, no que é apoiado por muitos acionistas. Segundo declarações suas, há cerca de dois meses, está prevista a demolição destes prédios em breve, e em seu lugar será levantado um enorme espigão de 12 andares, com frentes para a Praça Tiradentes e Rua Silva Jardim (Cinema São José) e para a Pedro I (Cine Marrocos). E aproveitando a interdição dos dois cinemas, ele preparou seu bote, declarando à imprensa que ambos não voltariam a funcionar.

Esta intenção já é antiga. Em 1977 correram boatos de que os imóveis haviam sido vendidos a uma poderosa firma imobiliária. Imediatamente a imprensa, freqüentadores, amigos e defensores do espaço se mobilizaram e foram informados, pelo próprio Martinho, que tudo não passava de um boato. **"Infelizmente não foi vendido"**, ele disse, mas não eliminou a hipótese de a venda vir a se concretizar, frisando que havia uma grande distância entre os estudos e a realização. E num tom irônico concluiu: **"Não sei o que há com o São José, existe uma marcação com este cineminha. É apenas um poeira deficitário, muito grande para uma freqüência diária pequena, mas sempre que se fala em demolir fazem um escândalo."**

A mobilização nesta época foi tão grande que Orlando Miranda, então diretor do Serviço Nacional do Teatro, junto com o Departamento de Cultura do Município, propôs a compra do Cine São José, no que foi rechaçado pela Empresa Paschoal Segretto. Orlando Miranda, em tom lamentoso, afirmou: **"Com isso a Praça Tiradentes começa a perder a oportunidade de se tornar o primeiro centro de cultura popular do Rio. Lá é um dos poucos lugares em que o povão coloca o pé sem pensar que está transgredindo alguma lei. Se sente em casa."**

Por outro lado, a preservação do patrimônio conta com um forte aliado, o Sr. Luiz Segretto, presidente da empresa. Ele e outros diretores mostram-se contrários a qualquer atitude que culmine com a perda do patrimônio da família. Reside aí o grande foco de resistência contra as negociatas de Martinho.

NA TELA A AÇÃO. NA PLATÉIA A EMOÇÃO

Aberto diariamente de dez às vinte e duas horas, apresentando toda semana uma nova e emocionante programação dupla, cobrando a módica quantia de Cr$ 40 (preço único) e tendo uma freqüência de aproximadamente 700 pessoas por dia, assim funcionava o São José, um espaço maldito, mas que ninguém jamais esquecerá.

Por volta das dez horas da manhã chegavam seus primeiros freqüentadores, prontos a se entregarem aos mais emocionantes acontecimentos.

Só o balcão funciona, obrigando seus usuários a subirem pela escada lateral. No fim do corredor ainda se lê uma pichação de Luiz Garcia, recuerdo da extinta Gayfieira: **"Tentação, Sublime Tentação."** Muitos já param no cruzamento, ao fim do corredor, que dá para o salão do segundo andar e o banheiro dos homens. Outros perambulam pelo salão e os mais exibidos dirigem-se ao banheiro e põem-se a mostrar seus dotes. Os mais tímidos acotovelam-se no parapeito e ficam a observar o movimento e os que chegam. Na platéia a fita já conta com vinte minutos. Blocos homogêneos aglomeram-se nas últimas filas e entregam-se à livre iniciativa. Chupam, roçam, comem, dão e, principalmente, gozam.

Já e meio-dia, e o primeiro filme terminou. É hora do intervalo. Os vizinhos dão um pulo em casa, aproveitam para fazer uma boquinha e retornam na metade do segundo filme. Os persistentes esperam a chegada de algum colegial, matador de aula, um office-boy maroto ou ainda um reco recém-saído do quartel.

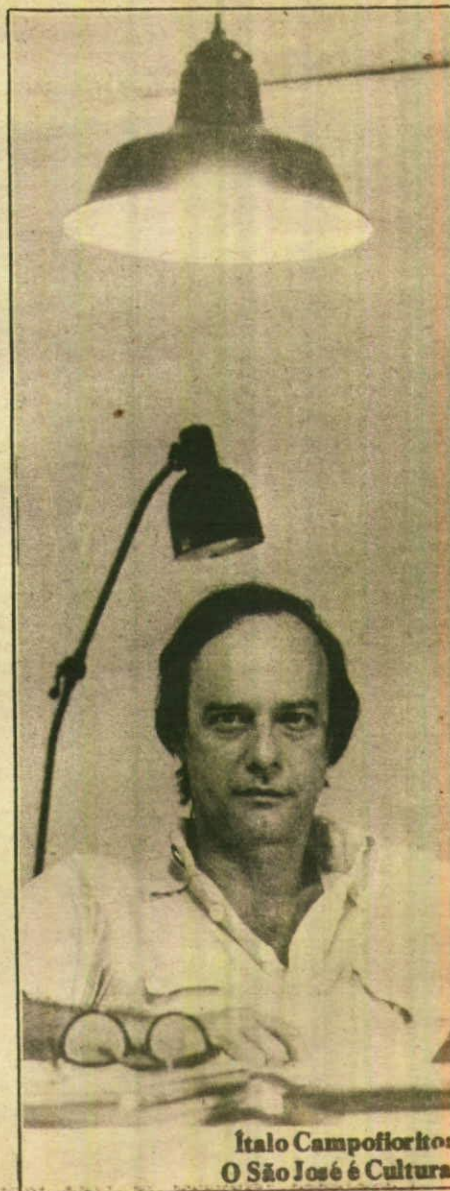
Dezesseis horas. Mais pessoas chegam. É a festa. A platéia, pasmem, encontra-se lotada. Ninguém parece se incomodar com o insuportável cheiro de mijo que penetra pelas ventas, ou as incessantes mordidas de carrapatos ou pulgas, que dominam o recinto. A péssima projeção e o forte ruído dos alto-falantes sequer são percebidos.

Dezenove horas. Houve uma radical mudança na freqüência. Pessoas cansadas, cheirando a suor. Alguns poucos travestis, perfumados com Alfazema. Bichas em estado de metamorfose inacabada. Negros enormes. Achacadores e mãos-leves. Os gozos agora são mais intensos. O banheiro é impenetrável. Ouvem-se gritos: **"Roubaram minha carteira!"** Ouvem-se respostas: **"Cala a boca, viado!"**

São vinte e duas horas. O sair é sorrateiro, mas o ar é de satisfação. Muitos vão para casa, trabalham no dia seguinte. Outros permanecem nas esquinas e nos bares. E bebem...

E fica um pensamento, anotado de uma reportagem de jornal: **"Há gente que pode facilmente dar-se ao prazer de freqüentar um cinema de luxo, mas não esquece o fascínio, algo imponderável, contido nas salas escuras dos "poeiras", onde tudo pode acontecer e as emoções da tela se confundem com as outras mais íntimas, vividas na platéia."**

PRESERVAR. MAS PRA QUEM?

A exemplo da Rua da Carioca, onde foi criado entre os proprietários dos imóveis um espírito de preservação da rua como memória cultural e histórica, a Fundação Rio pretende estender este espírito a boa parte do centro da cidade, incluindo-se a Praça Tiradentes. O corredor cultural, denominação do projeto, pretende, além de ser um projeto urbanístico e de preservação, revitalizar o centro da cidade, com a participação da

Ítalo Campofiorito: O São José é Cultura

comunidade que o utiliza. O Projeto resume-se em três itens: 1) Preservação e revitalização de imóveis e espaços urbanos; 2) Promoção de atividades culturais e 3) Integração com as comunidades.

Incluem-se no projeto, além do Cinema São José, grande parte dos imóveis da Empresa Paschoal Segretto, mas pelo visto as esperanças de se entrar em acordo com os proprietários são mínimas. A coordenadora do Corredor Cultural, Mônica Rector, fala sobre o problema: **"Nós tivemos um contato com a família Segretto e com pessoas interessadas em preservar o Cinema São José e o Teatro Carlos Gomes. A parte da família que está interessada na preservação mostrou-se gratificada, mas ficou de entrar em contato conosco quando houvesse qualquer decisão."**

Já o Arquiteto Ítalo Campofiorito, consultor do Corredor Cultural e Diretor do Patrimônio Artístico e Cultural, do Rio de Janeiro, diz o seguinte: **"A nível de intenção, o que a Fundação Rio gostaria é de preservar tudo o que está em volta da Praça Tiradentes. Mas no momento a legislação de uso do solo, no Rio, permite aos proprietários uma série de possibilidades de novas contruções. Nós gostaríamos que a família Segretto tivesse interesse em preservar seu patrimônio, mas por outro lado você não pode preservar, simplesmente, dando prejuízo aos proprietários."**

Diante do fato concreto, que é a preservação, uma questão se torna importante: Os cinemas São José, Marrocos e Iris apresentam uma freqüência substancialmente de homossexuais, de origem proletária e do lumpen. Como integrar esta população marginalizada, que freqüenta diariamente os três cinemas e que monta o significativo número de três mil pessoas/dia, sem reprimi-la ou afastá-la da região?

O Arquiteto Ítalo Campofiorito mostra-se aberto à questão e responde: **"O que eu acho que se quer preservar nos cinemas São José, Marrocos e Íris é um modo de vida, um aspecto da vida que está se passando ali. Isto não se tomba. Se eu tombar o cinema São José ou o Íris, e eles pararem de ser usados como cinemas, morreu o que você estava querendo preservar. Eu vou manter a fachada, que não tem valor nenhum. Então o que nós estamos querendo preservar são maneiras de viver, certo? São atuações vivas. Estas nós temos que preservar como projeto de âmbito maior."**

Foto: SNT/Documentação

1935: O São José de nossas tias

Questionado sobre como seria aproveitada a população destes espaços no projeto de preservação, Ítalo conclui: **"Uma população exerce ali uma atividade cultural. Seja ela qual for, antropologicamente falando: ver cinema, namorar, conversar, e o que mais se fizer. Isto e outras centenas de coisas que acontecem naquela zona, é que fazem parte da cidade. Tombar o prédio sozinho e ele parar de ser o que sempre foi é como tombar a confeitaria Colombo e ela fechar. De que adianta?"**

OI NÓS AQUI OUTRA VEZ!

Até o dia três de abril tudo indicava que o São José agonizará. Calculava-se em torno de Cr$ 30 milhões as despesas com a reforma do cinema. Um grande investimento que, segundo Martinho Segretto, vedete de toda história, não compensaria. Mas sem que ninguém esperasse, num belo dia da segunda semana de abril, o Cine Marrocos voltou a funcionar. Um enorme cartaz na porta do São José anunciava o acontecimento: **"Cine Marrocos Já Funcionando".**

Agora é esperar de três a seis meses, prazo da duração das reformas, segundo um belo e viril servente de obras do cinema. Tentação, Sublime Tentação. (**by Antônio Carlos Moreira**)

Corre que lá vem os home!

Fala-se muito da marginalidade da Praça Tiradentes e do seu fraco policiamento, chegando-se a afirmar que o antigo logradouro é um dos lugares mais violentos do centro da cidade, atualmente. Esta afirmação baseia-se no fato de a freqüência da Praça se constituir basicamente de: travestis, pivetes, mendigos, loucos, ladrões, algumas putas, bichas pobres, boêmios e desempregados.

Fala-se muito mal da Praça Tiradentes. Não é à toa que poucos são os que se arriscam a passar pela calçada do São José, em direção ao Teatro Carlos Gomes, depois das vinte horas. Receosos de um ataque daquelas figuras furtivas, que perambulam pelas esquinas, a **maioria** (e aí se incluem muitas bichas puritanas) foge, procurando outros caminhos que a levem para o seu sacrossanto lar. Estes são incapazes de compreender o sentido da Praça. Fala-se demais.

Por mais contraditório que pareça, e servindo de afronta aos que insistem em jogar bosta na Praça, a 5ª Delegacia Policial, encarregada do policiamento da área, prova, estatisticamente, que a Tirdadentes está longe de liderar a violência no centro do Rio. O perigo existe, mas não é maior do que no Baixo Leblon. Para o Delegado José Gomes de Andrade, atual titular da 5ª DP, a Tiradentes é a área mais calma de sua região. Das 133 ocorrências registradas no mês de março pela **quinta**, onde incluíam-se lesões corporais, furtos, furtos de autos, roubos, estupros, portes de armas, vadiagens e um roubo com homicídio, menos de 20% tinham origem na Tiradentes. Destes, a maioria referia-se a pequenos furtos, sem maiores complicações.

Proibido de dar entrevistas pelo atual Secretário de Segurança do Rio, General Waldyr Muniz, o Delegado da **quinta**, ao ser abordado sobre a violência específica da Praça Tiradentes, limitou-se a fornecer dados e resultados de suas operações. Segundo ele, **"quase todas as ocorrências registradas na Praça envolvem homossexuais de uma maneira geral, ora como agentes, ora como vítimas"**. Os travestis figuram como sendo os mais envolvidos e, quando presos por vadiagem, portam armas e objetos cortantes.

Falando mais de seu trabalho, o Delegado Andrade mostra-se uma pessoa conservadora e até pouco informada. Dá a entender que o problema da criminalidade na Praça tem origem na grande freqüência de homossexuais ao logradouro, e chega a sugerir medidas de ação profilática no combate aos **"pervertidos". "Desde que assumi a 5ª DP, há dois meses, vimos fazendo várias investidas na Praça Tiradentes, apesar desta não ter um grande número de ocorrências, para ver se conseguimos afastar os marginais e os homossexuais da área. O novo Secretário de Segurança tem imprimido um maior rigor e, com a continuidade deste trabalho, a coisa tende a acabar. A partir do momento em que tivermos uma atuação sistemática na região, os homossexuais não vão se sentir bem ali e irão procurar outro lugar."**

Indagado se sua delegacia tinha intenções de estender essas atividades aos cines São José, atualmente em reparos, e Marrocos, devido à grande freqüência de homossexuais, o delegado Andrade responde negativamente, dizendo que os donos dos estabelecimentos não cogitaram este tipo de auxílio da Polícia. O mesmo não ocorre com o Cinema Íris, na Rua da Carioca, onde a freqüência é basicamente de homossexuais, e cuja proprietária, D. Nezi Sampaio, solicitou através de um requerimento sistemáticas idas da Polícia ao cinema. Duas incursões já foram feitas ao Íris após o pedido, e numa dessas **"pescarias"**, como o delgado Andrade denomina suas operações, foram **"pescados"** 20 marginais, sendo um condenado várias vezes por roubos e furtos. As operações vão continuar e, a propósito delas, o delegado da **quinta** convidou o **Lampião** para que o acompanhe numa próxima investida. Corre que lá vem os home! (**ACM**)

Minha casa é um ladrilho

Um dia/uma vez lá em Cuba/dançando uma rumba/disseram que eu era escandalooosa! (Djalma Esteves e Moacyr Silva na voz de Emilinha Borba).

* * *

Comecei a freqüentar a praça Tiradentes há uns seis ou sete anos. Desde que descobri que os cariocas curtidores tinham sido expulsos da Zona Sul pelos Sérgio Dourados & imobiliárias — e que nada bom podia mais sair de lá. Até hoje assino o ponto no Serafim pelo menos uma vez por semana — onde tenho um ladrilho-cativo para me recostar — e adoro. Em 76 por exemplo estava em Paris, olhava os gramados du Jardin de Tuileries e só me vinha na cabeça a velha e suja Tiradentes, latejando lá dentro da minha cuca...

* * *

Cine Marrocos: O único em funcionamento

Originalmente denominada Rocio Grande, para diferenciar do Rocio Pequeno (praça XI), a Tiradentes tem um passado de glórias. E glórias não apenas boêmias, pois foi lá que dom Pedro I recebeu os aplausos depois de proclamada (?!) a Independência. Daí o monumento tropicalista de Sua Majestade no centro da praça, onde o imperador aparece cercado de índios de bunda de fora, cacatuas e até onças pintadas. Hoje, cercada de pontos finais de linhas de ônibus suburbanos, a praça continua um dos centros fervilhantes do Rio. E dos mais agradáveis, dado à sua especialíssima geografia. Com poucos espigões modernosos nas suas cercanias para deformar a paisagem, abriga interessantes resquícios do Rio Antigo.

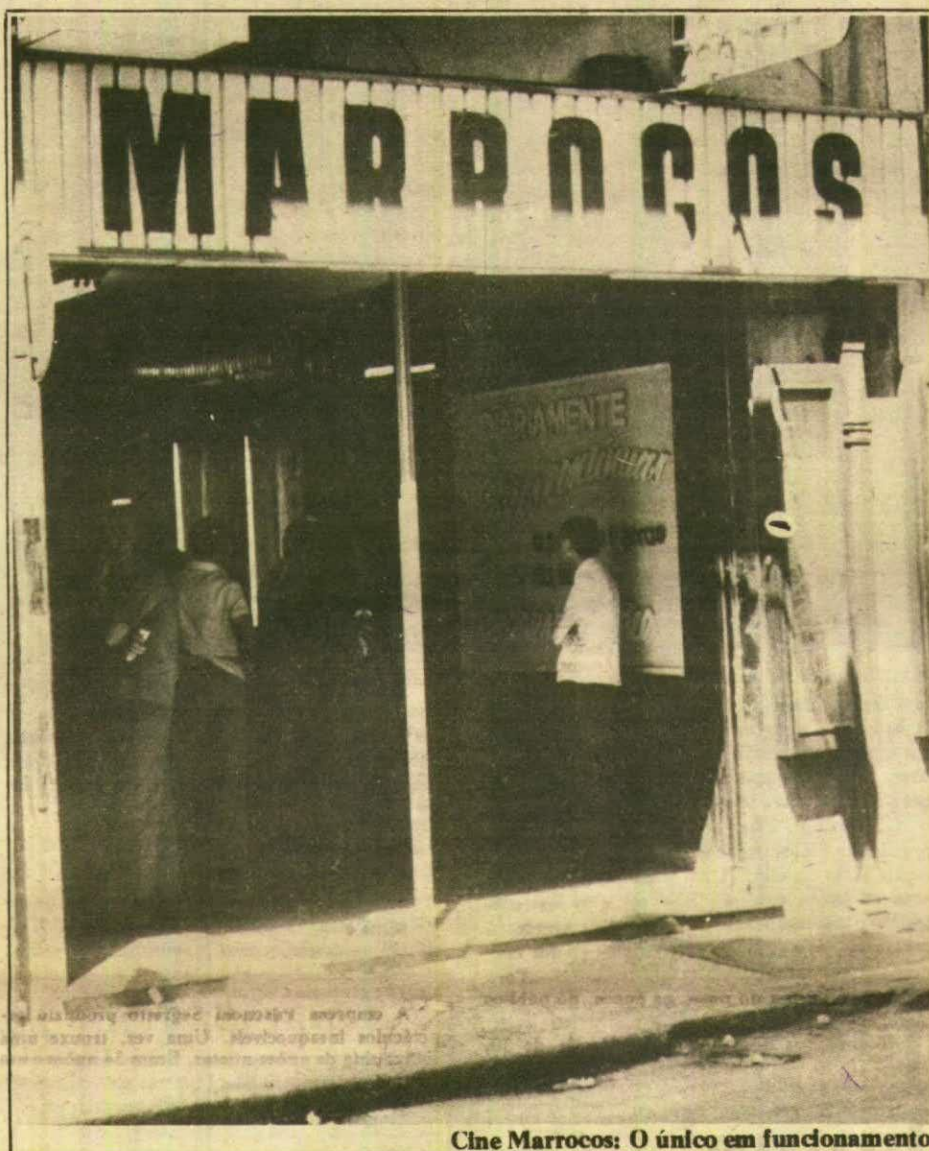
Durante o dia, é possível descobrir na região, duas farmácias homeopáticas (ruas Sete de Setembro e Constituição, duas da flora medicinal (ruas Sete de Setembro e Gonçalves Lêdo) onde comprar seu guaraná em pó, excelentes lojas de disco (onde mais encontrar um concerto ao vivo de Cascatinha e Inhana ou o mais recente relançamento de Dalva de Oliveira?), voluptuosas lojas de queijos, presuntos e bebidas. Para os aficionados, a praça tem até um banheiro subterrâneo. Os mais discretos preferirão os cinemas: o Marrocos (Rua Pedro I) cuja especialidade é velhos **fanchonas**; o Íris, o mais antigo cinema da cidade (1909) e sua escada **art-nouveau**, com suas bichinhas proletárias; o legendário São José (ex-achacadores. Estas casas, digamos, de diversão, abrem às 10 horas da manhã, e apesar de sua programação nem sair nos jornais, estão entre as de maior freqüência em toda cidade.

Ao cair da tarde, começam a se formar as filas quilométricas que são a marca registrada dos espetáculos Seis e Meia do Teatro João Caetano (ex Real de São João). Lá, por apenas $100, pude assistir a duplas inesquecíveis como Cauby Peixoto/Emilinha Borba; Zezé Mota/Luís Melodia; Carmen Costa/Aguinaldo Timóteo; Cartola/Ivone Lara; Martinho da Vila/Lecy Brandão. Durante a semana, é neste horário (das 18 as 20 horas) que a praça fervilha, os botequins e bilhares borbulha, a pegação impera. Do lado oposto, os descendentes do pioneiro Paschoal Segretto possuem outro grande teatro: o Carlos Gomes (ex Cassino). Mal administrado, tem abrigado poucos espetáculos de sucesso. Nos últimos anos, apenas Ney Matogrosso e Gonzaguinha encheram a casa. Enquanto o João Caetano, da Prefeitura, foi reformado a ponto de parecer um mausoléu de mármore e vidro **fumê**, o Carlos Gomes ainda nem tem refrigeração, além da visibilidade nula nos andares de cima.

* * *

Meu lar/é o botequim da esquina/que freqüento desde menina/para com os homens beber/Flor do lodo (Ary Mesquita na voz de Araci Cortes).

* * *

À noite, notadamente sextas e sábados, a praça muda. Como agora é moda, a Tiradentes também tem o seu lado mulher. É o lado do João Caetano, onde se faz o **trottoir** feminino. Pra quem gosta, é um prato cheio. Há uns quatro ou cinco botecos, os mais agradáveis nas proximidades da rua da Constituição, de onde pode-se ouvir a orquestra da gafieira Rio Antigo. O chato é atuar os cafetões de terceira, o desespero das mulheres, os paraíbas da clientela. Já era assim no início do século. Nas mesmas ruas, na frente das mesmas casas. Vide João do Rio, **Dona Joaquina** in **A Mulher e os Espelhos**, 1919. Parece escrito ontem.

* * *

Mas eu prefiro ser/essa metamorfose ambulante/do que ter aquela/velha opinião formada sobre tudo (Raul Seixas na voz de Ney Matogrosso).

* * *

Do lado oposto (da porta do São José à porta do Carlos Gomes, incluindo a rua Pedro I), estamos em plena Sodoma e Gomorra. Mas, atenção: não é recomendável à siriemas, bichas de carteirão debaixo do braço, alcoólatras bamboleantes e outras chatas do tipo. A barra é pesada. Pra quem tem a cabeça feita, é soberbo. Já caretas e elitistas tremem só em passar do outro lado da rua. Qualquer descuido pode ser fatal — há brigas, correrias, garrafadas. Mas se você ficar na sua, tudo bem.

* * *

Travesti com caco de garrafa na mão, a perseguir duas siriemas esbaforidas pela rua da Carioca à fora: **Voltem pra Cinelândia, de onde nunca deviam ter saído!**

* * *

No carnaval, a Tiradentes ou melhor, a Pedro I, ou melhor, o São José, torna-se o centro **gay** do universo. Tem Salomé, Maria Antonieta, Messalina, Madame Pompadour, Barbarela, Mata Hari e outras celebridades arquetipais a rebolar pelas calçadas, com ou sem silicone. Sempre cercadas de brancos, negros e mulatos. Vão do Paulistinha ou do Elite ao São José — e vice-versa. É por isso que alguma coisa tem de ser feita pra salvar o São José da demolição. Não há nesta cidade um local deste tamanho no centro para abrigar um baile destes. O República? Virou a TV Educativa. O Recreio? Virou estacionamento. O João Caetano? É do Governo, não dá. O Carlos Gomes? É bem menor. O Canecão? É pra grã-fino ou babaca. (Este ano custou $3000, enquanto o São José foi $500). Bonecas de todo o mundo, uni-vos!

* * *

No carnaval de 80, estava muito doido diante do bar Granada, quando vi uma briga, várias pessoas achacavam um velhinho que gritava. Num segundo me baixou a cabocla Robin Hood e quando vi, estava no meio da confusão brigando com mais de dez. Pintou até navalha. Fui salvo pela PM, que me levou preso com mais alguns. No camburão, me aliei com as bichas. Na delegacia, como não dedei ninguém, saiu tudo às mil maravilhas. Só olho roxo. O velho que tentei salvar, era um famoso filho da puta, e ainda tentou me acusar de assalto. Moral da história: as aparências enganam. Nem tudo que reluz é ouro. Macaco velho não põe a mão em cumbuca.

...

Os botecos da região tem forte personalidade e curiosos fregueses, especialmente os da Pedro I. O Thalia é o maior, reduto de compositores desempregados. Só serve chope e fecha meia noite e meia religiosamente. Na outra ponta da rua tem o popular Cú da Mãe — igualmente delicioso. É ao lado do hotel Presidente (onde mora o Johnny Alf) e de um ponto de jogo do bicho. Também fecha cedo. No meio dos dois está o Granada, que vende cerveja e é o mais barato, além do centro do ti-ti-ti. Em frente está o Serafim, mais caro, mas o meu favorito por sua visibilidade estratégica. Esses dois fecham tarde.

* * *

A melhor casa noturna que já freqüentei foi a Gayfieira do Luizinho Garcia no São José dois anos atrás. Shirley Montenegro estrelando uma lista de atrações incríveis. Saudades.

...

Motorista de táxi: **Está na putaria há muito tempo?**

Eu: **Devagar e sempre.**

...

As portas coloridas se abrem/as feras vão avançar/Feras que virão/feras que nasceram pro mundo (Luiz Melodia, na voz do próprio).

* * *

A praça não seria o que é sem suas personalidades mais marcantes. **Quim Negro**, aliás Joaquim Teodoro, crioulo careca de bigode Fu-Manchu, coadjuvante de filmes, lutador de Tae-kwen-do, diretor de curta metragens autobiográficos, personagem digno de Genet. **Lelé**, mulata gorda e barbuda, versada em candomblé e culinária. **Manolo**, portuguesa ou espanhola de vasta cabeleira branca. **Carlinhos**, mona pra homem nenhuma botar defeito, põe pra correr qualquer machão abusado. **Ângela**, bicha negra que quando bebe literalmente faz "parar o trânsito" sentada no chão, cantando músicas de Ângela Maria com voz deslumbrante. Divina. Sobre ela foi feito até um curta-metragem, **Ângela Noite**, de Robert Moura, o cineasta, não o conservador crítico musical.

A Praça Tiradentes está incluída no Corredor Cultural da Fundação Rio da prefeitura da cidade. Apta portanto a ser recuperada sem perder suas características. Voltará ao esplendor dos tempos do Valter Pinto, Oscarito, Araci Cortes, Virginia Lane, Nelia Paula, Mara Rúbia e o travesti Ivaná? Ou as estrelas saíram dos palcos para brilhar em plena rua?

Talvez alguns prefiram experiências mais pessoais. Mas depois de sete anos de praça, e como sou ainda bem bonitinho, "casei" por lá mesmo, além de manter divertimentos bissextos. Não falo em público do que é feito entre quatro paredes, não adianta. E, seguindo os conselhos de Madame Claude e Xaviera Holander, manter em sigilo o nome da clientela é o que conserva o presente e garante o futuro.

João Carlos Rodrigues

Tudo começou com "seu" Paschoal

Paschoal Segretto. Este foi o dono, o senhor da Praça Tiradentes. Depois dele, existe uma grande estória de teatro a contar. Não pensem que vamos fazer "História". Não. Rememorar. Apenas contar coisas, lembranças do início da própria vida do teatro popular, o teatro de revistas e burletas (gênero em moda, na época). Pois, o teatro popular musicado é um produto exclusivo e tinha mesmo o seu reduto na Praça Tiradentes. Em 1900, se chamava Largo do Rocio. Em 1900, já era o centro dos teatros e diversões do Rio. Ali nasceu, viveu e, ainda não morreu o teatro de revista. Não morreu, ao menos, para a memória cultural e histórica da cidade... Houve época mesmo, em que o público carioca não freqüentava outros teatros que não estivessem naquela praça. É este público do tempo em que os contos de réis falavam, em 1810, do tempo da vida da Família Real para o Brasil...

Duas revistas, nesta época, fizeram um enorme sucesso: "Rei Morto Rei Posto" pela Cia. Heller, e a "Revista do Ano de 1874". Desde então, as revistas não mais saíram do gosto popular, como não mais saíram da Praça Tiradentes. O micróbio estava na sangue. O teatro ligeiro, mesmo tendo o seu público, entretanto, entrou em declínio, faliu e quase desapareceu. As empresas aqui existentes, antes do período Paschoal, "teimavam em fazer representar produtos inferiores e que na pornografia resumiam todo o espírito, com cenário vulgaríssimos, música banal e idiota. A crítica e o público repudiaram a imundície. A função do teatro de revistas é divertir sem preocupar, encantar a vista e deliciar o ouvido. Requer, por isso, "intrigas leves, montagens esplendorosas, mulheres e músicas bonitas..."

A Empresa Paschoal Segretto S.A surgiu e nasceu de um desentendimento e fracasso de uma outra Cia. que atuava em Niterói. Foi a mais famosa de todas as companhias que por aqui apareceram. Paschoal Segretto concorreu poderosamente para o progresso artístico teatral do País. Sua primeira peça, "Amor de Bandido" esteve em cartaz dois meses, com estréia em março de 1919. A segunda não lhe deu prejuízos e a terceira deu "sucesso ruidoso e prolongado." Suas montagens, para a época, faziam o deleite do grande público que já fazia a vida noturna na praça mais histórica desse Rio, diga-se de passagem.

Paschoal Segretto

IMPÉRIO

Mais precisamente na Praça Tiradentes, um império de diversões foi construído com a chegada da família Segretto, da Itália, ao Brasil. E com muita garra e informação, o clã Segretto firmou-se no campo dos espetáculos. Paschoal Segretto não era culto. Viera do nada, mas possuía uma viva inteligência. Primeiro foi construído um ringue de patinação, um parque de diversões, um estádio de boxe, depois os teatros. Empresário dinâmico, homem de visão para os espetáculos populares, ele dá início, ali na Praça Tiradentes, à mais estupenda fase do teatro de revistas. Ali era a praça da vida e do mundo. A praça das estrelas de sua companhia, dos cantores, dos galãs e dos anões que divertiam... Foi a praça das ilusões do povo, na época, do público das operetas...

Os maiores espetáculos da década de 30, foram produzidos pela Empresa Paschoal Segretto. E por sua Cia. passaram e foram lançados alguns dos grandes astros da época. Grande Otelo, Elza Gomes, Derci Gonçalves, Procópio Ferreira, Francisco Alves (Chico Viola), Vicente Celestino e Jaime Costa. Com Grande Otelo surgia uma nova geração de atores do gênero revista: Silva Filho, Pituca e Ankito. Entre os compositores, revelou Chiquinha Gonzaga (Francisca Gonzaga) em Forrobodó, de Carlos Bittencourt e Luiz Peixoto, com sua música que haveria de reafirmar o gênero de burletas, já quase esquecido, então. Engraxate, jornaleiro e muito trabalhador, Paschoal era o dono da Praça Tiradentes, com o São José, o Carlos Gomes, o "Maison Moderne" e o São Pedro (João Caetano) nas mãos. E acabou por fundar um dos primeiros jornais do Brasil, o Bersagliere, dedicado à colônia italiana. E construiu o primeiro cinema, na Rua do Ouvidor. A primeira filmagem feita aqui foi produzida por ele, em 1896, mais ou menos, e era sobre o "Enterro do Marechal Floriano Peixoto." A câmera foi trazida da Itália e manejada por seu irmão Affonso que documentou também o carnaval carioca.

CINE SÃO JOSÉ

O S. José já foi Moulin Rouge, Variedades ou, ainda, Princípe Real. Passou a ter o nome atual aí por volta de 1903, inaugurado com o drama A Virgem Negra, pela Cia. Dramática J. Veiga. Inaugurava-se, também, o teatro "Maison Moderne" com a comédia "vaudeville" O Rio por um Óculo. No hall do São José reuniam-se, todas as noites, a intelectualidade, os autores em voga: Carlos Bittencourt, Luiz Peixoto, Cardoso de Menezes, J. Miranda, Freire Jr., Raul Pederneiras e outros.

Chico Viola também aí começou, e ficou famoso com um salário de 30 mil réis, em 1924. Lamartine Babo participou de várias revistas. E havia atrações internacionais como a bonita Conchita Montenegro, que se casou com Raul Roulien, um cantor argentino meio galã que também se apresentou no S. José e acabou em Hollywood filmando "O único varão sobre a terra..." Em 1910, o cine-music-hall São José já recebia as primeiras figuras do teatro de revistas de Portugal. Uma delas, Maria de Lurdes Cabral, "formosa e elegante, possuidora de linha voz, era alegre e graciosa e vestia-se admiravelmente".

A empresa Paschoal Segretto produziu espetáculos inesquecíveis. Uma vez, trouxe uma campanhia de anões-atletas. Eram 34 anões e um gigante. Lotaram o São José um mês. O grande atrativo no Teatro S. José, na época, era uma passarela de cristal, toda iluminada e as luzes feéricas do seu palco...

LAS MARAVILLOSAS

Era o auge da Praça Tiradentes. O teatro Santana (Carlos Gomes) revelava sempre um bom índice de comicidade para a época. E se firmou com o humorismo de flor de lapela, quer dizer, com atores vestidos de smocking. Além disso, apresentava revistas e comédias, operetas italianas e portuguesas, bem ao gosto do público. E, embora não existiam mais os velhos e memoráveis arquivos da empresa Segretto, desde quando um incêndio, em 27 de agosto de 1929, destruiu o Carlos Gomes e acabou com a Cia., conta-se que suas revistas eram dadas sempre em três sessões diárias: às 19h, 20h15min e 22h, e que seus atores eram tremendamente populares e queridos. Era a menina dos olhos do empresário Paschoal Segretto. Um dos empresários mais argutos e que melhor conhecia o gosto popular.

As anedotas que se contam sobre Paschoal são célebres no meio, pela ardilosidade que existia em sua pessoa. E, dentre as companhias que se já se apresentaram por lá, duas tiveram enorme influência no nosso teatro de revistas. A Companhia francesa Bataclan e a espanhola, Velasco. Indiscutivelmente pelo luxo, pela beleza da "mis-en'scene", pelos corpos das bailarinas e "girls". Eram realmente bonitas, despertaram paixões e causaram suicídios de boêmios que nunca viram a luz do sol. E deram o que fazer. Eram as maravilhosas da época...

A empresa Paschoal Segretto fazia o gênero eminentemente popular. Sem outro intuito que o da crítica e o de fazer rir e divertir. Onde a pornografia entrava não poucas vezes, como elemento preponderante. Com a morte dele, em 1920, o teatro da Praça Tiradentes havia de fraquejar.

O QUE FICOU

A família Segretto hoje vive da renda dos aluguéis dos teatros, salas, escritórios e apartamentos dos dois edifícios construídos na década de 30 (os prédios Paschoal e Gaetano Segretto) e do Hotel Presidente, todos na Praça Tiradentes. A família não deu nenhum artista, e as mulheres Segretto nunca participaram diretamente das atividades da empresa, dirigida que foi a mão de ferro pelos varões, como manda o velho costume italiano. Graças a eles, a cidade do Rio de Janeiro, de 1918 a 1956, assistiu a uma verdadeira evolução no seu panorama teatral: desde as bisonhas montagens do próprio Paschoal Segretto no Cine São José, até as estupendas montagens de Walter Pinto, onde o luxo e a coreografia sobrepujaram o texto e o artista. (Regina Nóbrega).

Gueifieira, dellyrio...

Luís Garcia, 37 anos, profissão: amante da vida; quem nunca ouviu falar certamente poderá estranhar, mas aposto que muitas pessoas já dançaram no Casanova, ou quem sabe na Gueifieira casas que ela comandou.

Ele foi o louco responsável, o criador da única gafieira de bichas do mundo. Muitos não acreditaram na idéia, mas ele foi lá e conferiu. Durante um ano Luís promoveu, inovou, (re) lançou o império do Cine São José. Quem conheceu vibrou, mas agora é só recordar. (**Dolores Rodrigues**)

Dolores — **Luís, conta para gente como pintou a idéia de Gueifieira?**

Luís — Eu morava em Ipanema, aí fui morar na Lapa e foi uma loucura.

Eu me deslumbrei com aquela agitação toda. Foi quando conheci o Cabaré Casanova, a primeira vez que eu entrei foi em 74.

Sabe? Achei uma maravilha; no dia seguinte bati na casa do cara e falei: "Aí, eu quero comprar, quero ficar". Então, entrei como diretor, não conhecia nada, absolutamente nada. Fiz uma decoração, convidei as bichas e elas foram chegando... foi aquela badalação. O tempo passou e pintou a idéia do concurso de "Miss Brasil de Travesti", que inicialmente seria no Casanova, mas era muito pequeno, e eu falei pra fazer no Teatro Rival, só que o dono não aceitou a idéia. Então, apareceu o Carlos Gomes, na época os irmãos Marzullo eram os responsáveis pelo teatro e eles toparam a idéia, daí eu fiz sublocação, paguei tudo adiantado mas eu ia voltar para o Casanova.

Antônio Carlos — **Mas você ainda não contou como surgiu o São José e a Gueifieira.**

Luís — Bom, aí eu parei um tempo e decidi procurar um espaço maior que o Casanova; aí é que entra o São José. Tinha um senhor que havia montado uma gafieira eletrônica no São José, mas ele foi à falência, eu fui lá e comprei a falência dele. Sempre fui assim... de pegar restos. Quando eu entrei pro Cabaré Casanova, ele estava decadente, fui lá e levantei, segurei a barra durante quatro anos, tanto que ele ainda existe. Já o contrato da gueifieira foi de um ano, e como eu precisava de firma para regularizar a casa eu usei a firma dos Marzullo. É porque eu nunca tive firma pra nada, nunca assinei nada nem na censura. Aí, eu montei a Gueifieira. No começo foi uma loucura por que ninguém acreditava na minha idéia. Meus amigos me diziam... mas como? Todo mundo pensava que ia ser lá dentro.

Dolores — **É, como você pensou [illegible]**

Luís — Até a última hora todo [illegible] pensava que eu ia utilizar o cinema, mas eu já sabia o que estava para acontecer e fiz no **hall**. Fiz três andares, porque eu acho que casa de viado tem que ter três, quatro andares que é pra todo mundo subir e descer, se encontrar no caminho. A Gueifieira era um ninho de rato, pra você rodar toda a casa dava uma trabalheira danada. Tinha aqueles corredores onde as pessoas só no esbarrar já falavam alguma coisa, sabe? No fim, a Gueifieira foi um sucesso. Tudo bem!

Antônio Carlos — **E qual foi a reação dos Marzullo?**

Luís — Os Marzullo nunca poderiam imaginar que fosse dar no que deu, eles tentaram várias coisas durante muito tempo, mas tudo lá dentro, e lá é muito grande. Eles tiveram uma herança maravilhosa, só que não entendem nada de **show-business**.

Dolores — **Você teve algum tipo de problema com a política ou com o pessoal da praça?**

Luís — Durante um ano eu tive casa na Tiradentes, e nunca houve problemas nem com a polícia nem com os travestis. Nunca houve roubo de carro das pessoas que freqüentavam a casa. Nunca tive problemas, as bichas iam lá dentro dançavam, pegavam, sambavam, saíam faziam um freguês e voltavam. Havia muita coisa boa: muita coisa interessante, sabe? Ela apresentou um tipo de artista que não se apresentava no Rio há muito tempo, cantores e como Linda Rodrigues e Núbia Lafayete. Tinha dia dedicado à lançamento de livros, livros bons. A única vez que se fez uma homenagem a Maysa Matarazzo, foi na minha casa, inclusive com curta-metragem dela. Havia o lado cultural, que não estava sendo percebido. Porquê? Porque por melhor que fôsse a coisa apresentada, havia um limite de público.

— Gente fina não ia lá. Nunca um amigo meu foi lá. Tinha noites que eu dizia. Meu Deus, que maravilha. Que talento que eu sou, mas não adiantava, o público estava cada vez se marginalizando mais.

Antônio Carlos — **Agora, você me parece que transou uma coisa especial pro banheiro...**

Luís — Eu amava o banheiro; aliás, eu já abri sabendo que ia acontecer putaria. O banheiro foi feito pra ser um **show** à parte. Aconteceu muita coisa, muito caso na gueifeira que ficou eternizado, ela foi palco de muito amor, era um lance incrível. Todo mundo tem uma história boa pra contar em relação à Gueifieria. O pessoal ia muito numa de transar. Às vezes, eu fechava a casa, daí à quinze minutos tinha gente saindo. Uma vez eu cheguei atrás da tela e tinha um bloco de pessoas transando. O iluminador chegou e disse que havia um cara atrás da tela; eu pensei que deveria ser algum bêbedo; que nada, quando eu fui olhar eram uns doze ou treze caras trepando. Foi a coisa mais gozada do mundo.

Dolares — **Por que você fechou a Gueifieira?**

Luís — A Gueifieira foi a "Sublime Tentação"; ela me bodeou muito em relação ao público **gay**, eu me tornei menos homossexual. Agora eu olho a coisa mais profissionalmente, e sou um cara muito preguiçoso. Tô com 37 anos tenho que curtir muito a minha vidinha. Por mim a praça Triadentes poderia acabar; ela está muito abandonada, acho que é uma coisa irrecuperável; podiam colocar dinamite de ponta-a-ponta e construir mil aranha-céus...

(**Nota da redação:** Luís Garcia, evidentemente, não está falando sério neste final bodeado. Tanto não está que essa entrevista foi feita em sua nova casa noturna: a **Dellyrio**, que fica num velho cinema em Botafogo, e cuja inauguração monumental será nestes primeiros dias de maio. Não percam, meninos e meninas, que o cara é gênio!)

O Olhar Brasileiro de Dusek

"Olhar Brasileiro" é o primeiro LP do gênio carioca (sem bairrismos) Eduardo Dusek. Conhecido pelo seu humor, malandragem e ginga, coisas deste Rio, Dusek retoma um caminho esquecido pelos compositores brasileiros: a sátira. E é assim que o autor e intérprete de "Nostradamus", grande sucesso do Festival MPB 80, define seu trabalho:

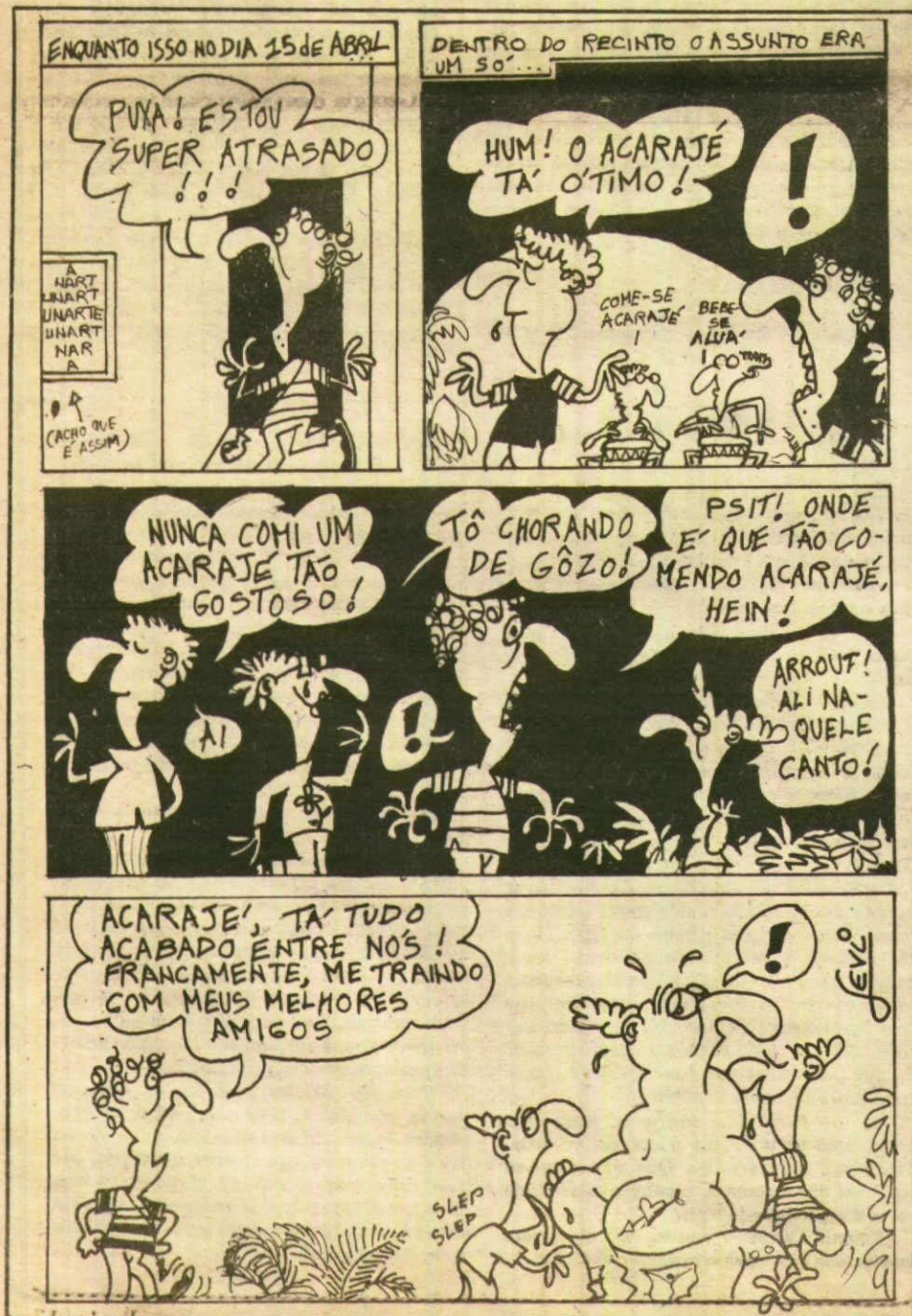
— Resolvi partir de uma visão carioca das coisas: do humor e malemolência carioca. O humor carioca já era conhecido muito antes até do Lamartine Babo, um de seus reis, nascer. E era uma maneira de enfrentar os "monstros", como digamos, daquela época, uma febre amarela. Epidemia chocava. Hoje tem mil febres: de assalto, de violência, de inflação, de expansão antiecológica, de miséria; desgraça é o que não falta. E desgraça também é música. O Brasil é uma desgraça, e aí eu dou uma gargalhada e digo pra vocês: este País é música pra cacete.

Tendo sido formado nesta salada de ritmos que sempre envolveu a música popular brasileira, Dusek percorre caminhos diversos, com coisas que se ouviu e viu durante esse tempo todo, apresentando de tudo, sem perder a unidade e sua profunda paixão pelo samba. Em seu "Olhar Brasileiro", gravado pela Polygram, Dusek mostra desde um samba-choro, em "Injuriado", música que ele fez numa época em que comia um ovo pochê por dia com uma garrafa de vinho, ganha pela promoção de alguma firma, e achava tudo chiquíssimo; passando pelo romantismo de "Ave", uma de suas músicas mais antigas; até uma marchinha como "folia no Matagal", a irreverência que fez tremendo sucesso numa gravação de Ney Matogrosso.

O carro-chefe do LP, "Olhar Brasileiro", é para Dusek uma saudade. **"A nostalgia do que já era e não volta. Um carioca falando de um Brasil ou de uma pessoa que ele conheceu e que não pintarão nunca mais."** Mas a obra-prima chama-se "Singapura", a história de uma cantora decadente, que pouco a pouco fica na lona e se desfaz. **"Eu fiz "Singapura" numa época de profundo ódio das gravadoras. Fiz de supetão, como quem cospe um sapo. Mas estava com muito humor para olhar estes moinhos com quem, quixotescamente, insistimos em lutar."**

O disco ainda tem: "Chocante", a estória de uma biriteira de bar abandonada; "Nostradamus", segundo Dusek, **"cinema realista com efeitos especiais;** "Iracema", um maxixe cheio de saudade, brejeirice, tragédia e deboche; "A Coitadinha", que abre o segundo lado e que segundo seu autor, **"é um delicioso roque-sorvete";** "A Deputada Caiu", volta ao clima dramático e cinematográfico de "Nostradamus": **"Uma história que podia ser tirada de uma manchete de jornal sanguinolento e escandaloso"** e "Pão", uma música romântica e propositadamente piegas, a la Vicente Celestino, com um novelesco arranjo de Roberto Gnatalli, gravada anteriormente por Zizi Possi.

Bem, agora é pôr o disco na vitrola (que nome antigo) e curtir o mundo mágico e bem-humorado de Eduardo Dusek. Ora pombas, não era Duardo? (**Antônio Carlos Moreira**)

Eduardo Dusek: O humor e a malemolência carioca

Quando as bichas fazem o "show"

De uns tempos para cá virou moda. Após os bem sucedidos "Mimosas até Certo Ponto" e "Gay Girls" em teatro e as apresentações de "Maria Leopoldina on Sundays" na boate Gaivota, os espetáculos de travestis se sucedem ininterruptamente. A platéia também mudou. Casais de classe média, jovens da Zona Zul, austeros cavalheiros de terno e gravata estão sempre presentes a estes espetáculos antes dedicados à minoria Gay. E os empresários, os produtores? Enriquecendo. Quase todos acusados de uma exploração sobre o travesti. O bem sucedido "Grande Gala Gay" que o empresário Guilherme Araújo organizou no Canecão no último dia de carnaval fez com que a chatissima Fatos e Fotos lhe dedicassse uma edição especial. Edição esta que poderia servir de mostruário em qualquer clínica de cirurgia plástica, tão diversos eram os formatos de seios, rostos e quadris focalizados pela revista.

Não vamos falar da beleza que é o show "Gay Fantasy" já focalizado bastante aqui no Lampa e que se constitui no melhor **show** de travestis já montado no Rio. Não contasse ele (o **show**) com seis monstros sagrados do mundo gay: a mambembada Rogéria, sem dúvida responsável por esta aceitação do travesti, as internacionais Jane, Eloina, Claudin Celeste e Veruska e a prata da casa Marlene Casanova. Mas vamos aos outros.

ALL THAT GAY

Depois de anos no teatro Brigitte Blair, **Mimosas até Certo Ponto** ocupa o palco do teatro Serrador agora arrendado pela empresária Vanda de Fátima Pereira, que nos tempos de vedete atendia pelo nome de Brigite Blair ou Marilu Lambreta. Pagando pouquíssimo aos travestis que com ela trabalham, Brigite está no ramo há quatro anos, pelo menos, ininterruptamente. Uma produção mal cuidada, pobre de cenários e figurinos (a não ser quando pertencem ao próprio elenco) este **All That Gay** tem apenas no talento de Alex Matos, na classe de Shirley Montenegro e na figura bizarra de Camilly seus melhores momentos. O elenco de apoio é péssimo (salva-se Evellyn e Elaine, mal aproveitadas), os números musicais terríveis e as dublagens piores ainda.

Camilly faz com que o público aguarde ansiosamente sua entrada em cena, o que, para deleite da platéia, faz muitas vezes, chegando, inclusive, a voar amarrada numa corda. O único senão: sua Dalva de Oliveira mais parece o corcunda de Notre Dame; a grande cantora não perdoará Camilly jamais por isso. No elenco, tinha ainda, a Marisa, a Baby e a Perla, mas pra variar, brigaram e saíram. Tem gente ganhando cinco mil cruzeiros, o que contraria a lei do Ministério do Trabalho que obriga os empresários pagarem, pelo menos, oito mil. De positivo no espetáculo, a afirmação de Camilly e Alex Matos como grandes comediantes.

BIG STAR GAY

Num teatro com um som péssimo, instalações precárias e pagando o aluguel de 40% à sua proprietária, Hugo Vernon montou o seu **Big Star Gay** no teatro Brigite Blair com grande sucesso de público. Figurinos sensacionais e a quase ausência de cenários por absoluta falta de condições com um elenco bem escolhido, mas com a covardia de manter Georgia Bengstom trabalhando, o que faz com que todo o resto do pessoal se transforme em coadjuvante de luxo. Indiscutivelmente, o espetáculo é Geórgia. Suas cinco aparições levam a platéia ao delírio. Um Clodovil inesquecível, uma moralista engraçadíssima só faz com que ele cada dia se firme como um dos melhores atores do Brasil (Fernanda Montenegro já disse isso). Seu número final talvez, tenha sido um dos melhores já apresentados em **shows** do gênero.

A lindíssima Guilda revela-se uma boa atriz, embora não saiba dublar. Cláudia Kendall melhora a cada espetáculo e o professor Marco Altino, aliás, Kiriaki, tem pouco o que fazer, mas dá conta do recado. Édson Farr, correto como sempre, apresenta seus números com dignidade, bolando uma coreografia simples e bonita para os números, mesmo porque os atores Robson Bassani e Antônio Carlos Navarro não têm jeito para a arte de Bejart.

A hilariante e sempre mal aproveitada Fugica completa o elenco juntamente com Norika Himer, o melhor travesti surgido no Rio nos últimos cinco anos. Vale ver.

THE CLUB E NOITE DE ESTRELAS

Às segundas-feiras a boate do Joe Selensky fica entregue a Cléber Reis, que apresenta ali o que há de melhor em termos de **show** de travestis nas noites cariocas. O último a ser apresentado, "Noite de Estrelas", já tinha sido apresentado no Gaivota com sucesso. Denise Darcel comanda o **show** com bons momentos destacando-se uma imitação de Betty Middler no filme "The Rose" (apenas a introdução está muito longa). Fabianne reaparecendo melhor que nunca, fazendo uma Amelita Baltar incrível calando a boca de muita gente que só a conhecia como Vanusa. A melhor Liza Minelli já feita em **show** é a que nos apresenta Desirée, realmente um travesti talentosíssimo, que o excesso de maquilagem prejudica (fica parecendo uma formiga gigante).

Pepita Soares faz o que sempre fez bem; Elza Soares, sambando gostoso e escondendo a boca com o microfone quando não sabe um trecho da música. Salô de Vielmont dubla em outra rotação uma Vanusa bastante engraçada, mas se machuca quando tenta fazer Baby Consuelo a sério, deixando a platéia estarrecida com o que está vendo. Vanny, uma das figuras mais bonitas do nosso palco, supera sua dublagem muito ruim com uma apresentação empolgante, principalmente no número final.

BIFÃO E CASANOVA

O ex-Bifão— agora Boêmio —, na Rua Santa Luzia, apresenta **shows** somente às sextas e sábados sob o comando da exuberante Laura de Vison, cujos seios fazem os da estrelíssima Jane parecerem duas espinhas. Laura apresenta bem, tem bons números, embora o público pense que ela vai esganar alguém a qualquer momento. Cintia Levi também se apresenta com a categoria de sempre, e Andréa Gasparelli realmente rouba as atenções de todos os **shows** de que participa, pela honestidade e originalidade do seu trabalho.

O tradicional Cabaré Casanova (muito melhor com a direção de Nilson e Zé Carlos) continua apresentando **shows** as sextas, sábados e domingos. Nos dois primeiros dias o **show** apresentado não importa muito, já que a casa enche havendo ou não **show** de travestis. Mas no domingo a freqüência aumentou com a apresentação de "Jessica na Intimidade", em que Jessica Shelley diverte a platéia em suas aparições. Franca, direta e às vezes, bastante mordaz, (ela conquista o público com sua presença de espírito e com alguns convidados muito bons. Neste caso, encontra-se Vicki Lamour, com duas boas apresentações, de Elis Regina e Clara Nunes, diferente das já feitas em cima dessas cantoras, com muita correção. Marisa Jones, o corpo mais bonito de travesti, peca por dublar Grace Jones, coisa que Theo Montenegro fazia muito bem. Um grande defeito dos travestis brasileiros, inclusive, é aproveitar números já apresentados por outros e não criar números novos.

BOY FRIEND E DELYRIO

Duas novas casas abriram suas portas no Rio de Janeiro. O Boy Friend, na Rua Vinícius de Moraes (ex-Montenegro) quase esquina com a Lagoa, e o Cabaret Delyrio sob o comando de Tânia Scher, Luiz Garcia e Luiz Sérgio Lima e Silva, esta na Voluntários da Pátria, 333. Ambas apresentarão **shows** com travestis, sendo que a última contará com a participação da sempre sensacional Maria Leopoldina **(José Fernando Bastos)**

Georgia Bengston: cada vez melhor

Vanda Fátima e suas mimosas

Nem só de espetáculos luxuosos como **Gay Fantasy** vive o **show-biz** do travestismo carioca. Aliás, o caminho da mina deste tipo de espetáculo não foi descoberto pelo teatro Alasca e seu dinâmico produtor João Paulo Pinheiro, mas pela ex-vedete Brigitte Blair (aliás, Wanda Fátima) no seu teatrículo homônimo (ex-Miguel Lemos). Hoje, já é até lugar comum pichar esta senhora. No baile **Aleluia Gay**, por exemplo, uma das bonecas apresentadoras deu reviravoltas na própria língua para referir-se a ela sem citar seu nome. O negócio é que se a moça tem fama de pagar uma miséria aos artistas, não resta dúvida que é igualmente uma empresária dinâmica. **Mimosas até certo ponto** ficou dois anos em cartaz em Copacabana num tempo em que ninguém arriscava produzir **shows** do gênero.

All that gay/Mimosas devem continuar? atualmente, em cartaz no teatro Serrador, na Cinelândia, é outra produção Brigitte Blair. Tem, de certo modo, a sua marca registrada: mínimo de investimentos para um máximo de lucros. "Não vá ver!" "É uma pobreza!" "Horror" sussuravam as deslumbradas. Sempre discrente, fui mesmo assim. E não é que acabei me divertindo? (Bem verdade, paguei só $ 150 na temporada popular — se tivesse desovado $ 300 provavelmente teria tido ganas de chutar umas poltronas em represália).

O espetáculo que assisti é, por assim dizer, o que sobrou do original da estréia. Saíram do elenco, por exemplo, Edy Star e a venerada Marisa Chaves, o mais antigo e legendário travesti carioca em atividade.

O texto e a direção são assinados pela produtora, sem pudores em acumular tantas atividades, provavelmente para economizar. Na primeira delas, o resultado é **apenas** sofrível. Como a platéia deste tipo de espetáculo é basicamente, composto por casais burgueses, caretas e barrigudos, o texto termina sempre pouco ousado e freqüentemente preconceituoso — mesmo quando engraçado. Ouve-se, por exemplo, "pobre tem mais é que morrer!" e ainda "botar a língua aí? E se você estiver de diarréia?" Queridas, assim já é demais! Já é hora das bonecas simplesmente, recusarem-se a dizer coisas como essas em público!

O grande trunfo são os três principais nomes que sobreviveram do elenco original. Shirley Montenegro, a grande cantora travesti, ataca de atriz sem emitir um trinado siquer — e sai-se muito bem, notadamente na paródia das duas madames e o mordomo. Alex Matos, vindo do circo, é um autêntico comediante popular que a falta de imaginação dos empresários ainda não descobriu. Seu mordomo é ótimo (apesar do texto) e seu número de platéia, como a velha cafona que interrompe o show, é hilariante. Mas para mim, a maior surpresa foi o inegável talento histriônico de Camilly, que, debochando de tudo e de todos, a começar pelo seu exótico tipo físico, "engole" literalmente boa parte do espetáculo. É uma das melhores caricatas que vi nos últimos anos. Um misto de Zezé Macedo com as lambisgóias platinadas dos anos cinqüenta. Andy Warhol adoraria. Vale o espetáculo. **(João Carlos Rodrigues).**

Biblioteca Universal Guei

NOVIDADES

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL
Guy Hocquenghem
150 páginas, Cr$ 320,00

Em que momento, e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel de homossexual público, assumindo uma determinação social que permite aos outros descarregarem sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento? Hoquemghem faz a si mesmo esta pergunta, e a responde num livro palpitante.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA
Organização de **Winston Leyland**
251 páginas, Cr$ 400,00

As famosas entrevistas do jornal norte-americano Gay Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil: Tenessee Williams, Gore Vidal, John Rechy, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como homossexuais, e de como esta preferência sexual influi em seu trabalho de escritores.

BALU
Jorge Domingos
66 páginas, Cr$ 150,00

Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloísa de "República dos Assassinos"), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que "Balu" quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.

O AUTORITARISMO E A MULHER
Maria Inácia d'Ávila Neto
128 páginas, Cr$ 300,00

Uma contribuição original à análise sócio-cultural da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que ajuda a entender, também, o mecanismo da dominação machista exercida sobre os homossexuais.

Os mais vendidos

1 — **BLUE JEANS**
Zeno Wilde e Vanderley Aguiar Bragança
As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês no Grande Rio (61 páginas, Cr$ 200,00)

2 — **INTERNATO**
Paulo Hecker Filho
A história de um grande amor homossexual adolescente num colégio interno gaúcho (72 páginas, Cr$ 220,00)

3 — **NO PAÍS DAS SOMBRAS**
Aguinaldo Silva
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial e morrem por isso (97 páginas, Cr$ 300,00)

4 — **O BEIJO DA MULHER ARANHA**
Manuel Puig
Um terrorista e um homossexual, presos num cárcere argentino, descobrem o sexo e o amor (246 páginas, Cr$ 320,00)

5 — **FALO**
Paulo Augusto
Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora (70 páginas, Cr$ 150,00)

Faça sua escolha

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 100,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 600,00

A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 330,00

Anarquista, bissexual, Guérin, neste livro escrito em 1968, fala do mesmo tema: a liberdade sexual.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 200,00

Um bofe a prazo fixo, uma bichinha sorveteira, um Papai Noel fanchone: muito non sense no último livro do autor de **A Meta**.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 200,00

A história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 300,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!)

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 150,00

A trágica história de Ângela Diniz e seus amigos. Um libelo contra o machismo e a opressão.

A oferta do mês

A META
Darcy Penteado
99 páginas
O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados. "Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto a que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). Da safra de livros entendidos publicados no Brasil nos últimos anos, **A Meta** já é um clássico. Últimos exemplares à venda, a preço especialíssimo: apenas Cr$ 200,00. Somente os cem primeiros pedidos serão atendidos.

Da Esquina

PROVA DE FOGO
Nívio Ramos Sales

A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades: um viril boiadeiro e uma sensual ciganinha. Um livro palpitante sobre os bastidores da umbanda e do candomblé, apresentando uma nova visão dos ritos afro-brasileiros: um caminho para a liberação sexual. Faça já a sua reserva; aproveite o preço especial de pré-lançamento. 108 páginas, Cr$ 300,00. O filme Prova de Fogo, baseado neste livro, será lançado em abril.

ESCOLA DE LIBERTINAGEM
Marquês de Sade

Uma bicha, uma lésbica, um casal heterossexual e depois, uma quinta pessoa, um jardineiro, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos. O objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial Marquês (172 páginas, Cr$ 350,00)

NUS MASCULINOS/81
Fotos de Cynthia Martins

A subversão lampiônica chega às tradicionais folhinhas: em vez das pin-ups habituais, apenas rapazes nus. De janeiro a dezembro, fotos incríveis para você pendurar no seu quarto, ou no seu banheiro. Últimos exemplares. (Cr$ 200,00)

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 200,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00
Em edição especial, de luxo, um dos livros mais ousados já escritos no Brasil. Conheça a mala de ouro!

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 250,00
Aguinaldo Silva, Jean-Claude Bernardet e outros discutem as relações entre sexo e poder.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 250,00
Um livro escrito com o objetivo de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu.

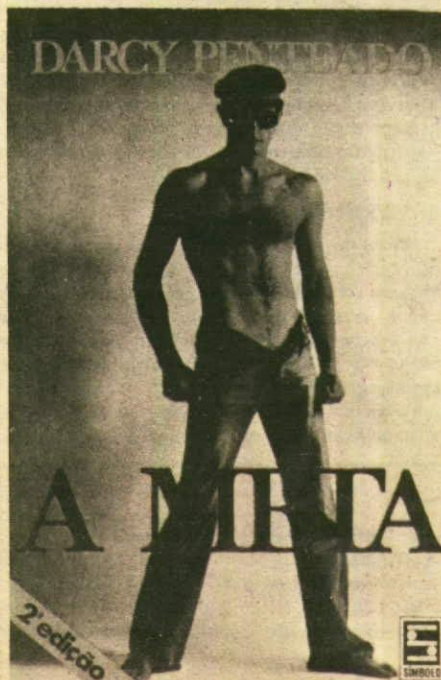
EU, RUDDY
O próprio
60 páginas, Cr$ 500,00
Poemas de rara sensibilidade e fotos ousadas do autor. Uma obra para colecionadores.

LANÇAMENTO

OS CÃES LADRAM
Truman Capote
345 páginas, Cr$ 450,00
Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor homossexual norte-americano, conviveu. Marlon Branco, Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e outros personagens ilustres. Capote é o autor de "A Sangue Frio".

Todos estes livros podem ser pedidos, pelo reembolso postal, à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ). O total de cada pedido será acrescido do valor do seu porte.

Se você pedir acima de quatro livros, receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar do calendário Nus Masculinos/81.

Aguarde os próximos lançamentos da Esquina: **A Bicha Que Ri** (coletânea de piadas entendidas) e **Histórias de Amor** (de Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e Gasparino Damata).

As crianças no poder?

Quem quisesse encontrar, ia gastar muito tempo procurando nos jornais brasileiros alguma notícia que informasse sobre o escândalo que, mais uma vez, tentou revirar a aparente calma da corte inglesa, onde, há mais de 25 anos, a rainha Elizabeth II tenta fazer de conta que nada de extraordinário se passa no mundo. Acontece, no entanto, que desta vez a coisa aconteceu bem no seu quintal: o diplomata e ex-governador geral do Canadá, Sir Peter Hayman, foi acusado de fazer parte do grupo **Paedophile Information Exchange** (Troca de Informações sobre a Pedofilia), que, mesmo vivendo na legalidade, nunca deixou de ser visto como perigo explorador de pornografia infantil. Nem tanto nem tampouco, porém, já que o próprio Hayman foi diretor de uma instituição de caridade para crianças e, ali, nunca se teve notícia de orgia.

Mas parece que a coisa não deu muito pano para manga no Brasil e quase ninguém falou no assunto, mesmo que a pedofilia ainda seja considerada um dos pontos mais delicados das nossas leis que regem a moral e os bons costumes e que a imprensa raramente toque no assunto. Aliás, a impressão que se tem é que nunca há nada para ser dito e que, em última hipótese, o melhor é ficar de boca calada. Mesmo assim, há de se ouvir que este último escândalo inglês ofereceu emocionantes momentos de empurra-empurra e de revelação de segredinhos. Vamos a eles: tudo começou quando o presidente do grupo de troca de informações, Tom O'Carrol, que já havia perdido todos os seus empregos (entre eles o de professor secundário) por se apaixonar por meninos de pouca idade e principalmente por se recusar a fazer tratamento psiquiátrico, foi levado ao tribunal e condenado a dois anos de prisão pelo vago crime de "tentativa de corrupção da moral pública", o que, se bem pensado, não quer dizer grande coisa. Isto tudo a partir da publicação de seu livro **Paedophilia: The Radical Case**, que qualquer livraria homossexual de Londres vende por quatro libras.

Pois bem, O'Carrol insinou ter conhecidos no Parlamento mas não quis citar nomes. Em seguida, já que tudo estava mesmo indo por água abaixo, resolveu dizer quem era o conhecido e as autoridades presentes à confissão não quiseram assumir a responsabilidade da denúncia e preferiram calar a boca, o que acabou tornando a coisa um pouco mais bombástica, porque a conversa foi parar nos ouvidos do parlamentar Geoffrey Dickens, do Partido Conservador, que, indignado com a proteção dada ao companheiro, pôs a boca no mundo. Os jornais ingleses ficaram felicíssimos com o bom prato e aí tudo mudou de figura.

Passaram, por exemplo, a cobrar a moral das figuras públicas. Mas como muita gente já sabe que a moral visa somente o lucro dos moralistas, é fácil concluir que as denúncias pretendiam apenas mostrar que o governo inglês já não é tão forte quanto deveria ser e que já não consegue pôr pano quente em cima dos descaminhos de seus representantes. Ou um governo é suficientemente forte para permitir-se a desvarios e continuar impune ou então tem mesmo que desistir e descer do trono, e a moral, no caso, só serve como um dos mediadores do poder. Assim, o parlamentar que denunciou e os jornais que publicaram a denúncia não estavam nem um pouquinho preocupados com a integridade das crianças, mas queriam, isto ninguém me tira da cabeça, revirar a ordem das coisas e passar a mamar diretamente nas tetas da rainha. Tanto isto é verdade que o próprio conservador Geoffrey Dickens voltou aos jornais, dias depois, para anunciar que abandonava a esposa para passar a viver com sua secretária. Posso estar enganado, mas parece que ele temia que isto fosse também um escândalo, imaginem.

Cala a Boca, Menino!

É verdade que tanto as pessoas inclinadas a ereções diante de adolescentes quantos as que pretendem falar em nome da moral, nunca parecem estar preocupadas com o objeto de suas palavras: o menor de idade, que, por sinal, sempre fica em casa enquanto os adultos vão falar em seu nome. Basta verificar que as associações moralescas e as entidades pedófilas não têm, nenhuma das duas, crianças ou adolescentes em seus livros de registro de membros, para a gente começar a perceber que alguma coisa esta errada. Afinal de contas, estamos falando em nome do interesse de quem? Seguramente, não do menor, já que, numa sociedade de alta produção, ele sempre foi visto como um investimento, destes que só rendem lucros a longo prazo e que, portanto, têm mesmo que ficar calados. Justamente por isto que a criança e o adolescente ainda terão que engolir muito sapo antes de poderem reivindicar seus direitos que são, a propósito, desrespeitados diariamente — e parece que ninguém se dá conta da situação.

Aqui em Brasília, no final do ano passado, algumas entidades se reuniram para fazer uma semana da minoria, o que deu para encher os sete dias com palestras e denúncias. Tive o trabalho de observar que, mesmo já tendo um grupo de velhos, o que não deixa de ser novidade, não havia nada que se assemelha-se a um grupo de menores de idade. Claro, sem produzir e sem ter nenhum poder econômico para trocar por seus direitos, os que têm menos de 18 anos dificilmente poderão se reunir para reivindicar. Falta-lhe respaldo, por assim dizer, para exigir respeito. Em alguns outros paises, porém, a coisa promete mudar um pouquinho. Na França, por exemplo, há um grupo chamado **Les Petits Homes Verts** (Os Homenzinhos Verdes) que, mesmo apresentando um nome que lembra demais título de literatura infantil, é composto por pessoas de nove a doze anos que saem às ruas para exigir, entre outras coisa, que os professores parem de lhes dar porradas nas escolas.

Mas isto é outro assunto, porque, aqui, trata-se mesmo é da pedofilia, coisa que sempre continuará maldita enquanto o enfoque das reivindicações não sofrer algumas alterações. Quer dizer, enquanto forem os adultos, e somente eles, que se reunem e exigem o direito de ir para a cama com quem quiserem, é difícil imaginar que a opinião pública mude e que as pessoas passem a olhar a coisa como perfeitamente normal. Isto, eu duvido. Mas imaginem crianças reunidas para pedir exatamente o que é negado a eles e aos adultos —Muita gente vai provavelmente morrer de susto e achar que o mundo está decididamente de cabeça para baixo, mas ninguém deixará de pensar duas vezes no assunto. Afinal, com a exceção dos menores abandonados, a criança ainda é um altar de purezas e tudo que sai de sua boca é digno de benzeção.

Então, por que não se pergunta a eles? Claro que neste país não se ouve a ninguém, mas não custa muito tentar descobrir o que pensam sobre um assunto que diz respeito tão diretamente a eles que não a seus ditos protetores. Vejam um exemplo:

"**Quanto a este negócio de tudo ser proibido, não tenho muito que achar, não. Mas não deveria ser proibido porque eu sei o que posso fazer ou não. Agora, se alguém fizer sexo com uma pessoa e machucá-la, ela tem que ser presa mesmo, porque foi violência, mas com 13 anos uma pessoa já sabe muito bem o que quer. Eu daria a maior força a um grupo de menores mas não ia funcionar por causa do Governo**". (Zé Geraldo, 16 anos, auxiliar de laboratório)

E há vários outros exemplos de que, abaixo dos 18 anos, muita gente também raciocina. Olhem só:

"**Tem muita coisa que deve ser proibida porque os menores se influenciam muito mas a gente tem que poder decidir. Não podemos ser controlados pela sociedade. Eu não acredito em corrupção de menores porque ninguém é obrigado a fazer o que não quer. Quer dizer, ninguém é induzido a fazer, se fez é porque quis e está acabado. A gente tem que brigar um pouco sim, porque tem muita violência dos pais contra os filhos.**" (Mariângela, 14 anos, estudante).

"**Olha, tem coisa que está certo proibir mas eu, por exemplo, já sei controlar o meu dinheiro e este negócio de mandar adulto que trepa com menor para a cadeia está furado, porque vai muito da vontade dos dois, mais da vontade do menor, que já sabe muito bem o que quer**". (Carlos, 15 anos, michê)

Para falar com Luiz foi preciso pedir permissão ao senhor que o acompanhava. Depois do "pergunte à vontade", Luiz falou: "**Qual é, o menor já faz tudo e se a gente fosse andar na linha seria péssimo. O bom mesmo é desrespeitar a lei. Se for mulher eu quero mais é trepar com ela, se for homem, quero que ele seja apenas meu amigo e vamos ficar por aí mesmo**" (Pausa. Eu perguntei: "Você acha que eu estou te cantando?" Ele respondeu: "Não sei, mas ir para a cama com homem não está com nada.") E continuou: "Eu sou independente, moro sozinho e acho que a lei não tem nada a ver." (Luiz, 16 anos, estudante, mas "dá força num bar")

"**Sabe que eu acho? Que tem coisa que devia ser proibida porque nem todo o mundo é precoce, mas já que as pessoas fazem mesmo, então podiam liberar tudo de uma vez. Se duas pessoas estão juntas, a responsabilidade é dos dois, ninguém é mais culpado que ninguém. Eu prefiro falar das coisas que acho erradas porque é melhor que ficar de boca calada.**" (Cristina, 13 anos, estudante)

"**Proibição é caretice. Mais vale a cabeça da pessoa. Eu vou para a cama com quem estou a fim. Eu fui travesti aos 14 anos e desisti por causa da aceitação. As pessoas insultam muito mas acho que tudo devia ser liberado. Menor devia ser quem tem menos de 12 anos porque aí você não pensa, acha o que os outros dizem que você deve achar.**" (Mário, 17 anos, bailarino)

"**Corrupção de menores é proibir a gente de fazer as coisas. Se fosse o caso, eu denunciava os meus pais como loucos.**" (Eneida, 16 anos, estudante)

"**Eu já fui para no Juizado de Menores e achei um desrespeito. A juventude está fudida mas proibir não resolve nada. É porraloquice liberar o menor sem pensar no resto da sociedade. Está todo mundo trepando e estupro é violência em qualquer idade. Eu acho que a consciência do adolescente não é um fato isolado.**" (Mercedes, 17 anos, atriz)

Dito isto, é bom saber que os próprios adolescentes são contra uma lei que diz defendê-los. A questão, porém, é que ela não os defende mas os proíbe de participar e os afasta de um mundo do qual não podem fazer parte e onde apenas aguardam a vez de entrar no jogo — aparentemente sem nenhuma experiência, como querem os seus donos que investem neles uma boa soma de dinheiro esperando que eles realizem os sonhos dos outros. Por outro lado, há também os pedófilos, que os amam e que não acreditam na felicidade longe deles mas que esquecem também que os meninos e meninas já pensam, sabem o que querem e podem exigir em nome próprio. Falta-lhes consciência de ação coletiva e capacidade de levar em frente suas reclamações, o que, afinal, parece faltar a todo o mundo. (**Alexandre Ribondi**)

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Editores: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta (Rio); Darcy Penteado e João Silvério Trevisan (São Paulo).

Redação — Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues, José Fernando Bastos, Regina Nóbrega (Rio), Eduardo Dantas, Emanoel Freitas, Zezé Melgar, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto (São Paulo), Alexandre Ribondi (Brasília).

Colaboradores — João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward MacRae (Campinas); Celso Curi, Jorge Schwartz, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacarei) e Luiz Mott (Bahia).

Fotos: Cynthia Martins e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Francisco Fukushima e Dimas Schtini (São Paulo) e Arquivo.

Arte: Antônio Carlos Moreira (arte-final), Mem de Sá (capa), Nélson Souto (diagramação), Levi e Hartur (charges).

Circulação: João Reis.

Distribuição: Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhentti; **Curitiba:** J. Ghignone & Cia. Ltda.; **Florianópolis e Joinville:** Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Salvador La Porta Distribuidora de Livros, Jornais e Revistas; **Campos:** R.S. Santana; **Belo Horizonte:** Distribuidora Palmares de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Juiz de Fora:** Ercole Caruzzo & Cia. Ltda.; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Brasília:** Anazir Vieira de Souza; **Vitória:** Norbin, Distribuidora de Publicações Ltda.; **Salvador:** Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Aracaju:** Wellington Gomes de Andrade; **Maceió:** Gesivan R. de Gouveia; **Recife:** Diplomata, Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; **João Pessoa:** Henrique Paiva de Magalhães.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio de Janeiro.

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Santa Teresa, Rio.

Assinatura anual (doze números): em envelope fechado, Cr$ 850,00; como impresso, Cr$ 600,00. Para o exterior US$ 25. Número atrasado: Cr$ 70,00.

As matérias não solicitadas e não publicadas não serão devolvidas. As matérias assinadas publicadas neste jornal são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

AS TIAS

Ítalo Rossi

Ednei Giovenazzi

Nildo Parente

Paulo César Peréio

Quatro bichas de meia-idade, uma tradicional senhora mineira e um rapaz sexy: uma família?

Uma senhora nascida e criada em Barbacena, membro ilustre, portanto, da tradicional família mineira, chamada Suzana Vieira, mantém num casarão em Petrópolis, numa reclusão escolhida por elas, quatro bichas de meia idade, chamadas Paulo César Peréio, Ítalo Rossi, Ednei Giovenazzi e Nildo Parente. As obscuras razões que mantêm unidas estas cinco pessoas, sujeitas aos mais rígidos padrões de convivência e relacionamento daquilo que se costuma chamar uma "família", serão reveladas, de modo inicialmente cômico, mas depois de maneira chocante e brutal, durante a visita anual que Suzana faz aos seus protegidos em Petrópolis. Dessa vez, em lugar do velho motorista que sempre a acompanhava, e que está impossibilitado de viajar, ela traz consigo um jovem e atrevido rapaz chamado Roberto Lopes, e uma terrível notícia: a crise que assola o País atingiu até mesmo aquela "família pelo avesso", e será preciso desintegrá-la, a partir daquele dia, Suzana poderá manter apenas uma de suas tias, enquanto as outras terão que ir à luta.

É assim que Aguinaldo Silva e Doc Comparato, autores de As Tias, peça que estréia neste dia 9 de maio no Teatro da Lagoa, no Rio, jogam os seus espectadores no centro da questão, e iniciam uma terrível, profunda, dilacerante discussão sobre a família patriarcal burguesa, sobre a incomunicabilidade a que se vêem reduzidos os seres humanos e sobre a incapacidade de amar daqueles que se deixam levar pelos padrões do sistema autoritário e repressor em que a gente vive.

As Tias não é, portanto, "mais uma peça sobre homossexualismo", como anunciou alguém. O diretor do espetáculo, Luís de Lima, diz que isso é apenas uma parência exterior, já que nela as bichas "são até quatro. E com tudo a que o público tem direito: tiques, manias, cacoetes, clichês. Mas isto parece ser meio enganoso, uma astúcia grosseira para enganar tolos e simplórios. Depois de se esfregar bem os olhos, a gente se encontra frente a quatro destinos. Duas divindades trocistas conduzem a brincadeira: o dinheiro e o amor".

E é através dessa "brincadeira" que os autores chegaram ao que Luís de Lima chama "uma extraordinária metáfora":

— Estamos representando o drama de todos os que nestes últimos vinte anos tiveram acesso ao conforto, às normas pacificantes do consumo e que assim, creram na aquisição da felicidade — o conservantismo refloriu! — e que nada mais quiseram saber, ouvir ou ver — e toma novela, músicas a todo o volume! E fiquemos cegos e surdos! Um drama, sim! Porque a penúria se apresenta novamente, porque os poderosos (a interesseira e autoritária sobrinha postiça) retomam o que tinham dado, e o esbulhados aguardam o momento mais favorável para um fim.

A festa com que as quatro tias pretendiam receber a sobrinha se transforma assim, graças à introdução de um dado novo no cenário — a crise — num dilacerante acontecimento. "Eu vou amar você até morrer", diz Ítalo Rossi a Suzana Vieira, depois que ela anuncia que ficará apenas com um deles: "Mesmo que você nos mande embora; sei que você está sofrendo mais que nós". E começa, com esta fala, o terrível jogo. Quem ganhará, dessa vez: os oprimidos, aos quais se juntará o rapaz inicialmente apresentado como um trabalhador, ou a opressora sobrinha? Veja As Tias e saiba a resposta.